PARA TODOS...

ANNO XIII — 639 — Rio de Janeiro, 14 de Março de 1931 — PREÇO: 1$000

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da nossa empresa, publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como, ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro *enveloppe* fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concurrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em *enveloppes* separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade dessa empresa, durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concurrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES		CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES		CONTOS HUMORISTICOS	
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.		comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.		comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.	
1º collocado	500$000	1º collocado	500$000	1º collocado	500$000
2º "	300$000	2º "	300$000	2º "	300$000
3º "	250$000	3º "	250$000	3º "	250$000
4º "	150$000	4º "	150$000	4º "	150$000
5º "	100$000	5º "	100$000	5º "	100$000
6º "	50$000	6º "	50$000	6º "	50$000
7º "	50$000	7º "	50$000	7º "	50$000
8º "	50$000	8º "	50$000	8º "	50$000
9º "	50$000	9º "	50$000	9º "	50$000
10º "	50$000	10º "	50$000	10º "	50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	
16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO PARA TODOS..."

iniciado no dia 21 de Junho de 1930, encerrar-se-á, definitivamente, no dia 20 de maio de 1931, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas, e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

RUA DA QUITANDA, 7 — RIO DE JANEIRO

CONCURSO DE CONTOS DE "PARA TODOS"

Iniciamos hoje a relação de todos os originaes referentes a este concurso recebidos até o dia 28 de Fevereiro passado. Os que foram enviados antes do dia 24 de Outubro de 1930 não estão aqui citados, visto terem se extraviado. Pedimos aos seus autores o obsequio de enviarem outras copias até o dia 20 de Maio proximo, data até quando está prorogado o encerramento deste certamen.

125 — **O apito de 7.20** — P. Lage Torso.
126 — **O perigoso assassino** — Auporale Jr.
127 — **O moço de preto** — E. Britto.
128 — **Alma de bandeirante** — Fernão Dias.
129 — **Viva, bravo gaúcho!** — Itararé.
130 — **Feitiçaria** — Ali-Babá.
131 — **O Tio Fidelis** — A. P. Ninos.
132 — **Triste "entrada"** — Julião Patricio.
133 — **Agonia** — Percy.
134 — **Transformação** — Bahiano.
135 — **Commercio** — Apa Filho.
136 — **Grão de Areia** — Lauro Getorello Gustapho.
137 — **Como da outra vez** — Leonel de Alencar.
138 — **Vendida!** — Helena Ferreira.
139 — **Coisas...** — João Marcos.
140 — **Palhaço** — Sibyl Vane.
141 — **Ave de arribação** — K. Rapito.
142 — **Coruja** — Cendrillon.
143 — **Cigarras** — Branca da Neve.
144 — **Minha conversa com o diabo** — Alma inquieta.
145 — **A assassina** — Jurandyr d'Aldeia.
146 — **A fuga** — Arthur d'Azevedo.
147 — **Vovô Alexandrino** — João Guarahyra.
148 — **Destinos...** — Toyo Okyda.
149 — **Renuncia** — Norma Duarte.
150 — **Navinha** — Ruiz Pindello.

(Continúa no proximo numero)

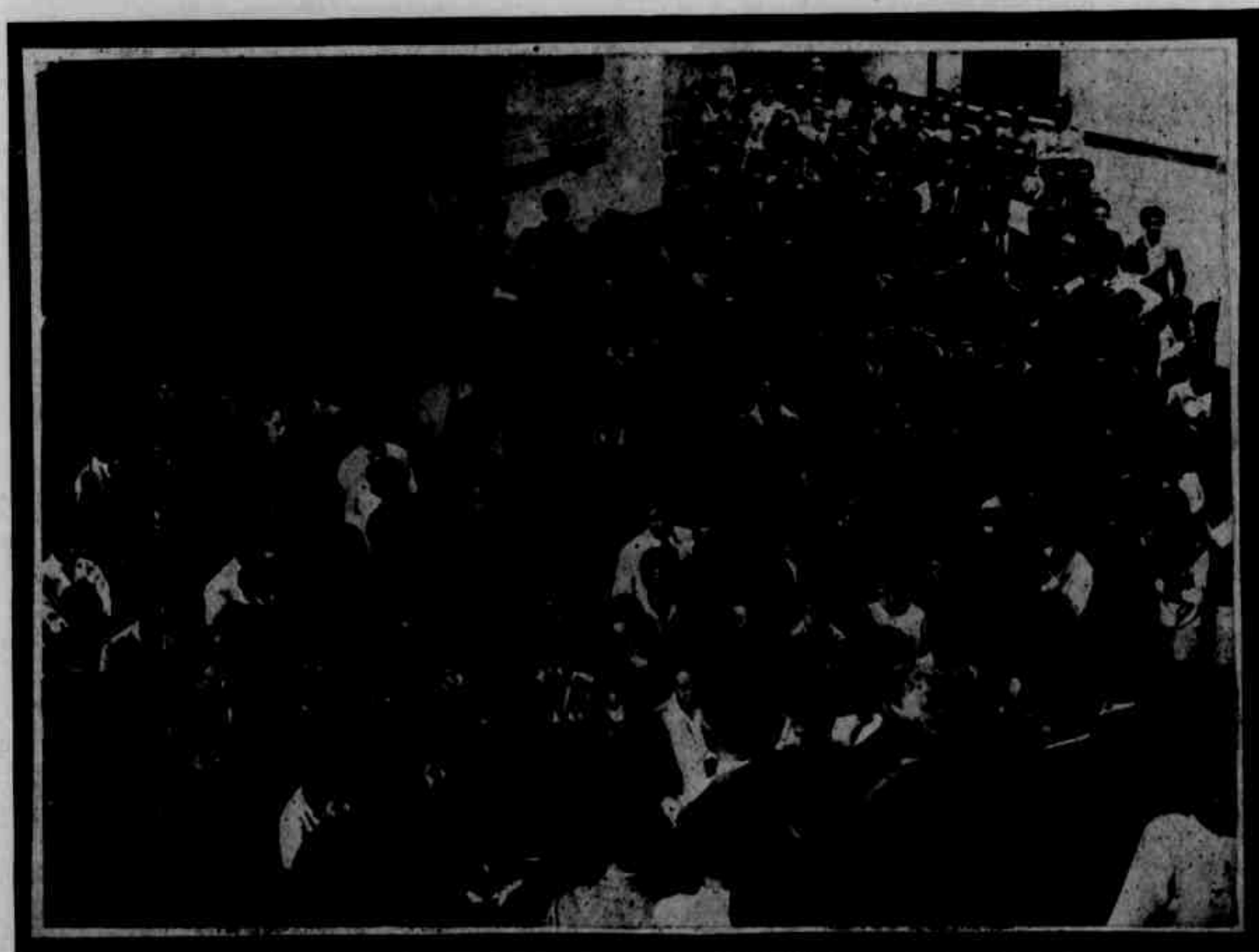
A REABERTURA DAS AULAS DO INSTITUTO LA-FAYETTE

Uma turma de alumnos a caminho das aulas.

O professor La-Fayette Côrtes, director do Instituto La-Fayette, cercado de varios professores.

O Instituto La-Fayette reabriu a 2 do corrente, todas as aulas dos seus varios departamentos de ensino.

Foi, assim, um dos maiores acontecimentos escolares da semana, pois, esse grande estabelecimento de ensino, fundado e dirigido pelo professor La-Fayette Côrtes, conta no seu corpo discente com uma verdadeira população, constituida de jovens de ambos os sexos, da nossa melhor sociedade. As photographias que aqui reproduzimos dizem bem da abertura dos cursos deste modelar instituto de ensino.

Alumnos do Instituto La-Fayette, posando para a nossa objectiva, antes da abertura das aulas.

VITA NUOVA

MILAGRE da sua apparição no mundo das formas ficará inexplicavel eternamente. O Tempo foi o artista subtil, mysterioso e infatigavel que a creou, e de tão longe! Quando a primeira nebulosa se formou vagamente no cháos, já trazia o *desejo* desta ultima e final creação. E tudo foi uma *maravilhosa viagem*. O Universo era luz e calor, e um raio desta luz eterna e divina, ficou immortal, e uma chamma deste fogo entranhado permaneceu doce e violenta. Nos seus olhos se guardam aquella luz e aquelle fogo do primeiro instante, em que o cháos despertava do nada, e por isso nelles a vida eterna, a fonte de toda a vida.

A agua correu sobre a face do mundo e ella está como uma fonte pura e longinqua nos seus olhos cheios de amor!

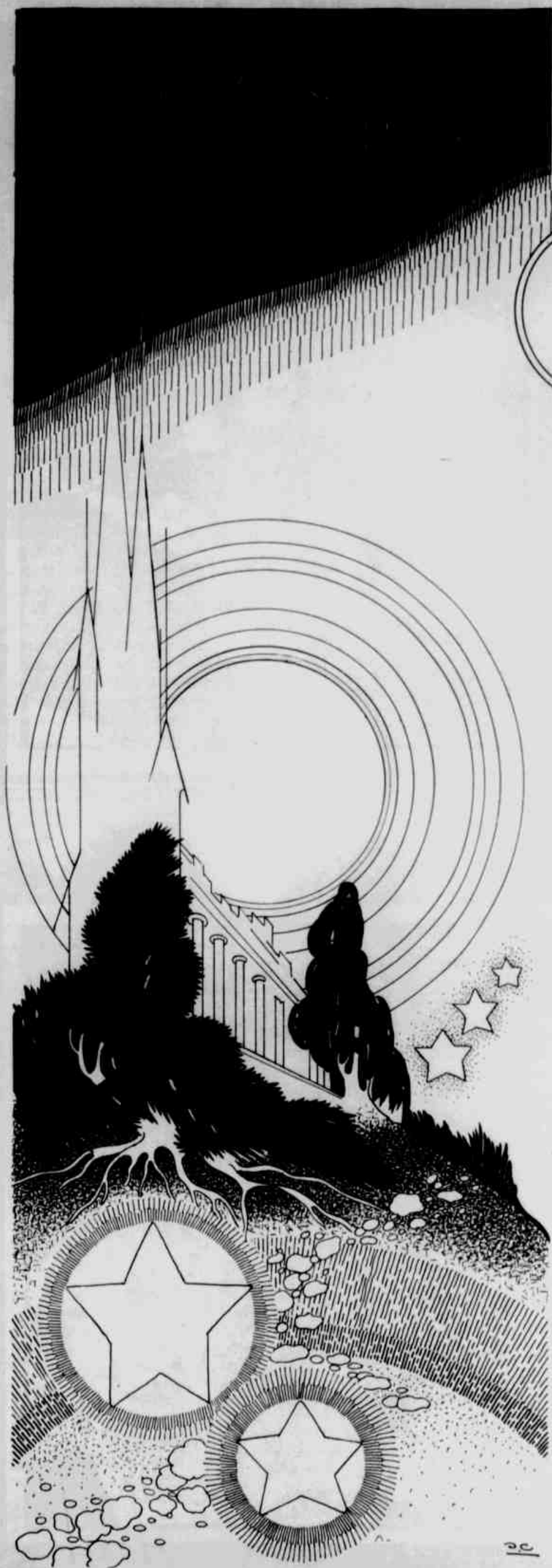
Não houve um gesto de belleza na natureza que não fosse em sua intenção. A luz, o sol, as estrellas, as arvores, as flores, a forma de todas as cousas bellas, a sombra bemfazeja e agasalhadora, as linhas das cathedraes, a fronte do Parthenon, tudo que o genio e a vida produziram, tudo triumpha na magia da sua forma incomparavel. Ella é a paizagem, ella é a estatua, ella é o templo, ella é a arvore, ella é a flor, ella é o sol, é a estrella. Se tudo que é forma e expressão no Universo desapparecesse, ella restaria para dar a resurreição e a vida. E só *eu a comprehendo*, é por isso que me calo, e do profundo e maravilhoso silencio, o grande extase se ergue como um lyrio puro numa attitude de adoração.

Ella e eu somos a unidade perfeita e absoluta. A sua vibração intensa, divina, é a minha vibração. Não ha nem para ella, nem para mim, segredos no Universo. Nós somos intimos com todas as cousas. A sua voz resoa em mim como a musica secreta da minha alma. As suas palavras são sempre profundas e ellas dizem o mysterio imperceptivel. A sua *intuição* é a que vem do Tempo Creador, e não ha força maior de intelligencia que esta da perfeita unidade com tudo que é immortal.

Os nossos desejos se unem e ella fez do Amor, a epopéa da sua alma. O Amor é o seu Creador. E' a grande heroina do Amor e da Paixão numa raça mystica e sobrehumana.

Vita Nuova para mim e para ella.

Ella se ergue no mundo que nos formou, como a aurora que sahe da noite. Mas em vez da tristeza de nascer para a vida, ella se ergue como a expressão do triumpho do Universo na Belleza, no Genio, no Sentimento, e no Amor eterno. E por isso ella sorri, e nós realizamos por entre as cousas indifferentes e bellas, a Unidade das nossas almas, das nossas sensações e da nosa divina Fatalidade.

Oh! Amor!

Outro pyjama apresentada por Sally Eriers

Eu estava, um dia destes, na esquina da Avenida com rua Sete, olhando as senhoritas que passavam. (Seriam cinco horas da tarde). Foi quando um rapaz, magro, alto, em cujos olhos brilhava, sempre viva, uma luz de martyrio, me chamou a attenção. Parei de observar as mulheres para fixal-o. Eu já o conhecia e a coincidencia de o encontrar sempre na mesma esquina e numa só attitude, impertubavel, me havia preocupado anteriormente. Agora, fitando-o de perto, eu me sentia hesitante, sem saber como classifical-o, se como pobre diabo, morto á fome, se como doido, inoffensivo. Mas, cêdo passei a julgal-o com menor inclemencia. De facto, o seu vestuario, acusando uma categoria social elevada, destruia a hypothese do pobre diabo, assim como os seus olhos comprehensivos, revelando uma intelligencia serena, sem éclypsés, tornava improvavel o caso pathologico. Foi isso, pelo menos, o que eu pensei, apressadamente, servindo-me dos elementos de informação inidoneos, escassos, que possuia no momento. "O homem não é pobre diabo, nem doido", disse de mim para mim.

A'quella hora, 5 da tarde, floresciam, na Avenida Central, mulheres de todos os typos e linhas, de todas as civilizações, de todos os temperamentos e vestidos. E cada mulher que passava, deixava na memoria da atmosphera o aroma do seu infortunio ou da sua gloria. Assim ,muito depois da passagem de uma senhorita, ainda seu perfume, tepido, quasi tangivel no ambiente, nos recordava os seus labios dourados pelo luar da saliva. De uma menina que desappareceu, logo, na multidão, ficou-me a lembrança de uma ponta de orelha, onde brincava como um brinco, uma gotta de suor

Eu vi uma joven. solidamente bella como uma allemá, tão bem vestida e tão harmoniosa, que cada estremecimento da sua carne ou da sua alma parecia ter um estremecimento correspondente nas sêdas que a cobriam. Passavam hespanholas admiraveis desde o meio-dia da carne á noite dos cabellos. Rumenas com estrellas nostalgicas no olhar. Norte-americanas vestidas de sol. Suecas que tinham céos de infancia na pupilla. (E o crepusculo de cinza, rolava, sobre a cidade portentoso como um clamor de perolas...).

Mas, o estranho desconhecido continuava, na sua obstinação irritante, sem attender ás mulheres que o acotovellavam, sem provar os aromas que floriam no ar. Nada parecia demovel-o do proposito de jamais levantar os olhos. Eu, cada vez mais intrigado, embora sem uma razão, na qual o meu interesse progressivo tivesse raizes, applicava todas as minhas faculdades deductivas no sentido de penetrar no pensamento daquelle homem e desvendar-lhe as intenções. Nunca me passou pela cabeça a idéa de que elle fosse um banalissimo doido manso. Todas as hypotheses, ainda as mais insensatas, eu formulava, menos essa. Lembrei-me, então, de encaminhar o meu na mesma direcção do seu olhar. Descobri, assim, surpreso, quasi desapontado, que elle estava, simplesmente, vendo pernas de mulher. E essa descoberta levou-me a julgal-o um doente, um adorador, como ha tantos, de pernas femininas, um fétichista, em summa. O seu maior gozo seria o de ver, acariciar com os olhos, o objecto de sua paixão humilhante. Verifiquei, a seguir, entretanto, que elle não parecia experimentar o minimo prazer nessa contemplação. Pelo contrario. As suas attitudes contraditorias, certas contracções musculares, apenas preceptiveis, gestos, dissimulados embora, indicadores de um estado de alma apprehensivo, onde se succediam relampagos de angustia e de fé — tudo me induzia a crer que elle soffria atrozmente. Evidentemente uma ansiedade grave o atormentava. E o seu grande esforço era impedir que essa ansiedade se exteriorizasse. Esforço vão, porque a um observador perspicaz não escapariam os signaes reveladores de um estado de espirito cortado de sobresaltos. Notei que a pertubação do meu heroe ia se accentuando á medida que o tempo corria. Por ultimo, quando desceu a noite e os transeuntes se foram tornando escassos, eu o vi, desfigurado pela dor, contendo imprecações, estrangulando rugidos.

Seriam 9 horas da noite. (Innundava o mundo, magestosa, uma musica de estrellas). O **rapaz da esquina da rua Sete** (passarei a nomeal-o assim) resolveu retirar-se. Acompanhei-o de longe, disfarçadamente (cautela, aliás, inutil, porque sumido como ia nos pélagos de sua alma, elle não fixava os vultos e as casas do seu caminho). Andámos muito tempo. Afinal, numa esquina qualquer, alguem o chamou. Um rapaz aproximou-se, interrogando ainda de longe:

— Você viu alguma?

— Não. E você?

— Tambem não.

Ficaram um instante parados, olhando um para o outro, sem um commentario, impotentes, abatidos sob o peso da mesma desgraça. Despidiram-se, por fim. E eu fiquei, immovel, indeciso, com desejos de seguir, ainda o **rapaz da rua Sete.** Resolvi, entretanto, voltar. Vim pensando no mysterio, nas attitudes que o meu pittoresco desconhecido assumia, na sua angustia curiosa, nos relampagos de sua pupilla. Agora, eu não odmittia duvidas a respeito de sua saúde mental. Que houvesse, no caso, um doido, bem. Mas, que nouevsse dois, com as mesmas manias, era improvavel. Evidentemente a intervenção de um segundo personagem, de todo imprevisto, vinha complicar mais o enigma.

Existiam, assim, dois homens, á procura de um só objecto, cuja importancia seria transcendental. Esse objecto, preciosissimo, estaria, segundo o resultado precario de minhas investigações, numa perna de mulher. Não havia outro modo de conceber o caso.

Dois dias depois, á tarde, voltei á esquina da rua Sete com a Avenida e lá estava o rapaz, na sua attitude de sempre, olhos baixos. Emquanto houve sol no alto do Edificio Guinle, elle se mostrou mais ou menos alegre, como se agora o animasse esperanças bem fundadas. Nesse dia, a minha campanha de viligancia foi tenaz, ininterrupta; todos os seus gestos eram analizados meticulosamente, confrontados com os anteriores e serviam de principios para varias deducções (negativas).

A' proporção que o tempo ia marchando, elle dava signaes de angustia crescente (como da vez passada). A's 9 horas da noite, retirou-se (foi este o unico resultado ,apreciavel de minhas observações nesse dia: descobri que, assim como tinha ponto fixo para ficar, tinha uma hora certa fixa para sahir ,e, provavelmente, outra hora, de igual modo fixa, para a chegada). O mysterio continuava, como antes, ou mais do que antes, impenetravel. Soccorri-me de varios methodos de investigação e deducção, sem que, todavia, obtivesse o mais humilde fruto.

As divinas

Uma semana depois, passando pela Avenida, vi, postados em differentes esquinas, tres rapazes, cuja attitude e insistencia em olhar as pernas das mulheres, além de outros pontos de contacto, me recordaram o estranho **rapaz da rua Sete.** Dispuzme a observar os tres cavalheiros e logo as minhas suspeitas se transformaram em certeza. Notei que elles procuravam, tambem, nas pernas das senhoritas, um objecto, sem duvida preciosissimo. Que objecto seria esse? E na descoberta confundiu-me. Assim, não havia, com eu suppuzera, um caso ou dois, apenas. Havia diversos. "Será fétichismo?", volvi a pergunta a mim mesmo. Desde logo não tive duvidas em associar os tres novos personagens ao **rapaz da rua Sete.** A todos dominava, com igual vehemencia, mesma paixão.

No entanto, abandonei a suspeita do caso pathologico. Eu não via nada que a sustentasse e autorizasse. Onde de uma linha arbitraria, os traços que revelam a degenerescencia? Os quatro rapazes não offereciam, pelo menos superficialmente, um symptoma que denunciasse a anomalia. Eram, todos, solidos, de apparencia sadia, alguns com arcabouço de athleta, fortes. De resto, seria inverosimel o facto de uma loucura collectiva. Cêdo nasceu em mim uma tendencia natural, insopitavel, para julgal-os sãos de intelligencia, como o eram, que duvi-

da, de corpo. Eu admitti que elles fossem extravagantes, menos por indole, que por uma educação falha. O seu maior defeito seria, talvez, uma originalidade excessiva, insolita.

Sentado em minha cama, mais tarde, formulei, novamente, toda as hypotheses possiveis, sem que entretanto, como de outras vezes, me accudisse uma unica razoavel ou logica. As trévas continuavam impenetraveis. Apesar de tudo, resolvi fazer uma ultima tentativa, que encerraria minhas investigações, em definitivo, no curioso caso.

Na manhã seguinte, abri as janellas do meu quarto, para contemplar o mundo E tirei o meu chapéo, comprimentando montanhas de pincaros sangrantes. Depois, vim para a cidade. Aconteceu-me quando cheguei á Avenida, encontrar um velho amigo. Entrámos num bar qualquer. Emquanto bebiamos um licor italiano, narrei-lhe o caso que ha tanto tempo, mantinha a minha curiosidade accesa. Mal terminei o relato, elle exclamou:

— Conheço essa gente. São os adoradores das meninas da meia furada.

— Adoradores como? interroguei estupefacto.

— Das meninas de meia furada.

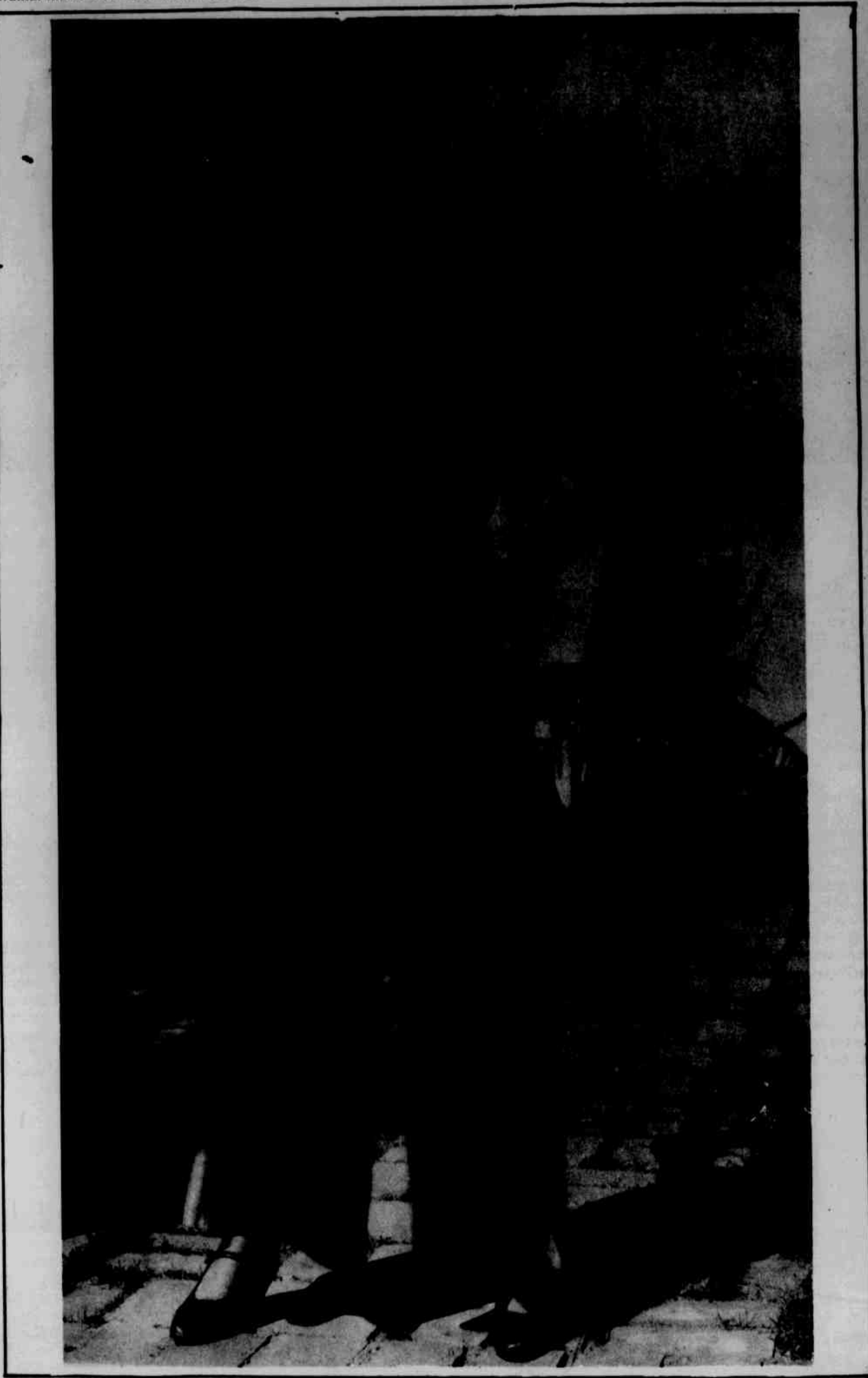
Cahi das nuvens. Mas, o facto continuava de pé, inabalavel. Assim era, realmente. Só então comprehendi tudo. Só então comprehendi porque aquelles rapazes vivem sempre de olhos baixos, só fitando as pernas das senhoritas que passam, desattentos, esquecidos dos seios, das attitudes voluptuosas, de uma ponta de orelha, redonda como um som, dos olhos tristes como uma agonia ou lindos como um triumpho. Nada os interessa senão as pernas ou, antes, as meias. O seu afan, unico, absorvente, a sua obcessão de todos os dias e horas é encontrar uma perna, cuja meia tenha um furo, por menor que seja, apenas perceptivel. E quando encontram a senhorita da meia furada (designação dada por elles) é immenso, incompa-

soffredoras

Por Nelson Rodrigues

ravel sua gloria, indescriptivel o seu extase. A's vezes, levam mezes sem encontrar uma senhorita nas condições desejadas. E então, a angustia é atroz e aggrava-se diariamente, ameaçando converter-se em franca loucura. Como são ricos e não trabalham, podem ficar um dia inteiro até á noite, procurando uma perna cuja meia esteja furada. Soffrem muito; soffrem dias de espera inutil, de esperanças desmentidas, desencantos terriveis mas, quando vêem o seu anhélo maximo, realizado, o jubilo que ahi experimentam é superior em intensidade ás tragedia anteriores. Para um psychiatra, são casos typicos, inconfundiveis, insophismaveis de fétichismo. (Mas, segundo o criterio scientifico, super-homens que enchem, na Historia, paginas estrellejantes de heroismo e genio, são outros tantos degenerados e monstros...)

Elles confessam o seu amor, numa franqueza total. Estão certos de que a attracção pelas meninas da meia furada nada tem de anormal ou morbida, sendo, apenas, a reacção logica, obrigatoria, dos sentimentos de solidariedade humana ante o espectaculo da dôr. Eis como se justificam:

— O que sentimos pela senhorita da meia furada não é paixão, não é desejo. E' um sentimento muito mais alto, dôce, bello: é um amor puro que se nutre na piedade e na ternura, nada sensual. Uma meia furada dá idéa dos vexames, do soffrimento, da continua humilhação da menina que a vestiu. Todas as mulheres soffredoras são irmã nossas. A sua dôr, ahi, gradúa o nosso affecto: quanto maior fôr seu drama, maior adoração nos merece. E não ha, positivamente não ha, mulher mais soffredora do que a que veste uma meia rôta. Assim, o impulso irreprimivel que nos aproxima da senhorita da meia furada é puramente fraternal: é o impulso de um irmão que procura prestar, pelo menos, o soccorro de sua assistencia a uma irmã que soffre o martyrio mais triste que uma mulher póde soffrer: o martyrio triste de sair á rua com uma meia furada. E aos que nos perguntam por que procuramos mulher cuja meia tem um buraco, respondemos: nella encontramos a felicidade. Acariciando-a com caricias mansas, caricias paternaes, nós provamos a infinita gloria. Senhores! a suprema gloria humana é a de acariciar uma mulher que soffre!"

Outra pyjama apresentada por Sally Erler

RIO GRANDE DO SUL — PORTO ALEGRE — AVENIDA S. RAFAEL

Rugas

POR
JOSÉ JULIO RAMOS

HOMEM — Tempo — Tempo, fica, és tão bello.

FANTASMA — Amigo, não existo. Sou um fantasma. Existem homens e elles inventam para explicar. Cream um mundo com os seus sentidos. Existo em ti.

HOMEM — Fantasma? Fantasma? E quem passa nas costa do sol? E a bola da terra, metade sombra, metade clara e colorida como um bazar de brinquedos que rola com homens equilibrando-se no seu dorso.

Si não existes como já lhe esfriam as extremidades como si tivesse arterio esclerose? E os homens que crescem do nada para o ceu. Como não existes si ha homens que teem 50 anos?

FANTASMA — Pergunta a idade do oxijenio. A materia não envelhece. Envelhecem homens. As combinações é que envelhecem.

HOMEM — Olha este retrato. E minha noiva — E' linda Deixae-a como a bella adormecida (Delirio). Tempo Tempo Retratei-te no papel A fotografia és tu que ficaste retido No futuro haverá alguma cousa que ficou de ti - viva na saudade.

FANTASMA — Louco - o papel amarelece, como tudo que viveu, como a folha que foi verde, como a pele que foi rozea.

HOMEM — Olha o seu retrato no meu peito. Como um mizeravel que tem toda a biografia no seu corpo. Eu me tatuei. Mas, te-la-hei sempre comigo, nova e bela.

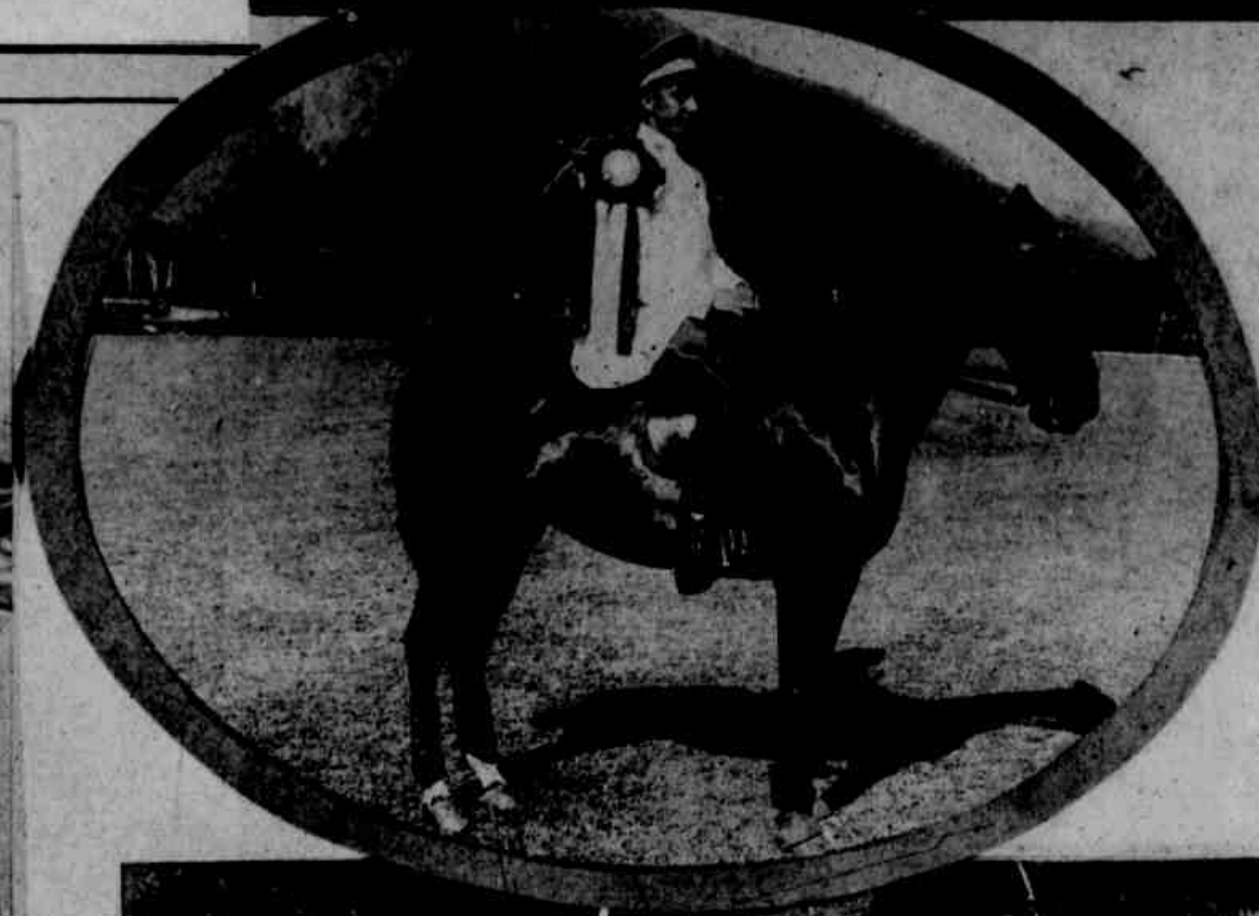
FANTASMA — Louco. A tua pele secará, e será tua velhice que dará rugas ao seu rosto destruindo sua beleza.

(O pano cae se desenrugando e fecha a boca da scena tragando as mizerias da vida. Ha uma gargalhada rasgando se no ar aumentando a tristeza do auditorio).

PORTO ALEGRE — PRAÇA PAROBÉ

CAÇA Á RAPOSA

Senhora Souza Leão

A' direita: Senhoritas Allie Heria, Fred Jeager, Solange Pires Ramos; Senhoras Celeste Santos, Iet Belmiro Rodrigues, Helena Immendoff.

NO GAVEA GOLF CLUB

No oval: Tenente Vittorio Caneppa, que fez a raposa. A' esquerda: Capitão Aristoteles de Souza Santos, o vencedor. Em baixo: um instantaneo da caça.

Carnaval em Recife

No baile da A. P. A. (Associação Pernambucana de Athletismo).

No baile do Club Allemão

Paulo Cezar, filho do Sr. Caio de Lima Cavalcanti, director do "Diario da Manhã".

Senhorita Lindaboa Lapa, eleita rainha da festa á fantasia do Club Internacional de Recife.

Sylvinha filha do Sr. Jorge Bastos

Margarida filha do Sr. Mario Penna

No baile do Jockey Club

O carnaval gaucho

Pelotas, 21 de Fevereiro de 1931

MEU AMIGO.

Carnaval de 1931 em Curityba — Senhoritas Didi Caillet, Zézé Lara e Lola Bindo.

Acabo de ler a sua carta, escripta na madrugada da quarta-feira de cinzas. Nella a sua mão foi deixando, ao correr sobre o papel, o cheiro activo do lança-perfume; encontrei tambem, entre as paginas, alguns "confetti" multicores. Que saudade tive do nosso Carnaval, eu que pela primeira vez o passei longe do Rio! Que saudade grande da alegria esfusiante e irresistivel do Carnaval carioca, que tantas e tantas vezes passámos juntos!

Você me conta que desta vez elle passou sem prestitos e com muita chuva, mas que ainda assim foi extraordinario de risos e de folguedos. E muito gentilmente — mas tambem muito fingidamente — diz:

"Faltou-me apenas a sua alegria Laura Regina, para que tivesse um Carnaval completo"

Muito obrigada pela sua amabilidade, meu amigo, mas não creio nella. Em qualquer outra occasião eu lhe faria falta, mas nesses tres dias de loucura você nem pensou em mim. Quer uma prova? — A presteza com que me veio escrever, mal chegou em casa, na quarta-feira de cinzas, tonto de somno e de lança-perfume. Foi o remorso que o obrigou a procurar, antes do repouso reconfortante, a sua amiga ausente. Estamos, entretanto, bem pagos, porque, ao ler a sua carta, eu não tive saudade de você; tive-a, e muita, da loucura desses tres dias maravilhosos, que a nossa cidade viveu. Você, com o seu espirito fulgurante, soube trazer á minha lembrança todo o cortejo de alegrias e de brincadeiras que fazem o encanto do nosso Carnaval.

Lendo as suas palavras, e com a ajuda do perfume tão conhecido do ether que impregnava o papel, evoquei distinctamente os nossos folguedos extraordinarios. Lembrei o corso magnifico, todo feito de alegria e de imprevistos, com correrias loucas pelas avenidas á beira-mar, seguidas de paradas bruscas e interminaveis, tudo ao som das gaitas e dos pandeiros, e das vozes argentinas que loucamente entoavam os mais modernos "sambas". Revi-me envolta de serpentinas coloridas, essas fragilimas fitas de papel que nos prendem poderosamente nos seus laços, muito mais fortes do que os do matrimonio (Serve de exemplo a Marina, que você me diz ter-se separado do marido porque este não lhe quiz dar licença para brincar nos tres dias de loucura).

Ao poder das suas palavras senti no corpo o choque entontecedor dos esguichos perfumados. Ouvi, como em sonhos, os ditos alegremente espirituosos, os galanteios ousados, a musica irrequieta e buliçosa dos maxixes que todas as boccas repetem, e que são tão bonitos, e tão de accordo com o nosso animo, que nunca nos cansam os ouvidos. E evoquei as nossas brincadeiras á porta do Jockey Club, verdadeiras batalhas de "confetti" em que você se aproveitava das minhas risàdas gostosas para me fazer comer punhados sobre punhados dos papeizinhos multicores. Lembrei ainda a interminavel espera dos prestitos, em que nós, com os automoveis parados na Cinelandia, aproveitavamos um bloco que passava tocando, para improvisar o mais barulhento e mais pittoresco dos bailes, na calçada dos jardins, no meio de um circulo curioso de espectadores divertidos.

Tudo isso feito na mais encantadora das simplicidades, sem "pose" e sem cerimonia, todos irmanados no mais natural dos sentimentos — o de confraternização.

Nisso tudo pensei, ao ler a sua carta singularmente carnavalesca, escripta na quarta-feira de cinzas. E tive tanta saudade, meu amigo! Lastimei sinceramente não ter passado no nosso Rio querido esses dias de loucura. Não que tenha sido triste, nem desanimado, o Carnaval aqui em Pelotas. Ao contrario. Elle foi admiravel. Mas, como você diz muito bem, o carioca realiza o milagre de mostrar, durante tres dias, ao forasteiro maravilhado, um povo infinitamente alegre, um povo verdadeiramente feliz.

Aqui foram optimos esses dias. Muita animação, bailes esplendidos, corso, cordões, grupos esparsos, de fantasias. O gaucho é folião, como, aliás, todo o Brasileiro. E dispondo de um genio aprazivel e amavel, expande-o em brincadeiras gentis.

Duas cousas, porém, fazem falta ao Carnaval do Sul: os sambas, que são a alma de todos os folguedos, pois transmittem ao corpo, pelos seus accordes irresistiveis, os requebros e remexidos tão do agrado da nossa gente e a camaradagem sincera e confiante, que existe entre nós cariocas, e que tornou o nosso Carnaval universalmente conhecido como inegualavel.

Tivessem os gauchos esses dois requisitos, e eu teria passado, em Pelotas, dias tão bons e tão alegres quanto os que você passou ahi, dansando em todos os bailes, desde a outra semana, fazendo o corso desde as pri-

(*Termina no fim do numero*)

O APARTAMENTO AZUL

COMEDIA EM 6 QUADROS DE IBRASIL GERSON

(Continuação)

Sala de trabalho

VERMOREL — Mandem fazer o cliché em 4 columnas, recortado. Ficará bem assim, Pedro?

PEDRO — Fica um colosso, com a noticia.

VERMOREL — Então desappareçam. Eu quero trabalhar. **(Pedro e o photographo sahem)** Meu amor, você ainda quer ficar? Eu tenho que demorar um pouco.

CONSUELO — Eu fico tambem. Quero ver a noticia.

VERMOREL — Veja lá dentro, na sala da reportagem. Eu vou escrever o "nariz de cêra".

CONSUELO **(sahe, mas sahe desconfiada)**

VERMOREL **(depois de um pequeno silencio, segura o telephone e disca)** — De certo não chegou ainda... Allô! É 4-62-62? Apartamento 214, por favor... **(com surpresa)** Apartamento 214? Dona Fausta está? — Não mora ahi? Será possivel? Mas quem mora ahi? — O dr. Pedro Filho, medico? Oh! queira desculpar, minha senhora... Foi um engano... **(desliga)** Mas que "barriga" ia levar este jornal! **(no telephone interno)** Allô! Allô! Diga ao Ernesto que venha depressa ao meu gabinete! Depressa! Depressa!

(PANNO)

3º quadro — O scenario é uma pequena sala de estar de um apartamento. Pelo aspecto das coisas, vêse que mora alli uma mulher interessante.

Sóbe o panno ou abre-se o velario, sem que appareça ninguem, por um segundo.

FAUSTA **(de pyjama, fumando numa longa piteira, surge da direita ou da esquerda, com expressões absolutamente diversas das que tinha no 2º quadro. Ella está evidentemente intoxicada de spleen, dé um spleen com tendencia sentimental. Senta-se perto de uma victrola, e num largo silencio fica a acompanhar com os olhos a fumaça que sahe do seu cigarro. Depois pega um disco, diversos discos, e põe na victrola uma canção romantica, e canta tambem os versos da canção. Interrompe a canção, na victrola, e pega então o telephone e disca)** — Allô... allô... Quem está falando? Eu queria falar com o dr. Paulo Vermorel. — Bôa noite, meu amor... Como está? Sempre trabalhando muito? — Não seja banal, como os outros... Não tenha tanta curiosidade... Para que saber quem é que lhe telephona todas as noites? Ninguem lhe disse nunca que ha na vida uma coisa melhor que a mentira, melhor que a verdade? — Já? Quem foi? Que foi que alguem lhe disse? — Que a unica coisa gostosa da vida é a illusão? Acha que não é? — Ah! que é mesmo? Mas a pessôa que lhe disse isto nunca mais appareceu? Nunca mais soube do seu destino? E está com saudade? — Mas que romantico! Era bonita? — Não tanto quanto eu? Mas como é que você sabe que eu sou bonita? Você me conhece apenas pela voz, atravez do telephone... — Justamente pela voz, atravez do telephone... — Sabe de uma coisa? Para que todas as mulheres tenham na vida um pouco de successo, Deus, ao fazel-as, bateu um recorde de sapiencia. Elle não fez todas as mulheres bonitas, nem todas feias. Mas deu a cada uma um detalhe de belleza, que póde ser um detalhe de belleza physica ou moral. É por isso que ha mulheres, que nós julgamos feias e que têm mais sorte na vida que as bonitas... É porque uma mulher não se julga em conjunto, mas apenas por uma qualidade que ella possa ter... Eu, por exemplo, sou muito feia... Mas tenho uma voz que é um encanto. Você gosta de mim por causa da minha voz. Nem é de mim que você gosta: é da minha voz... Sabe agora porque é que eu nunca lhe disse quem era, porque é que eu nunca permitti que você me visse? — Não? É porque eu quero que você continúe tendo a illusão de que gosta de mim... — Não... Isso não... Eu só me revelarei ao homem que ande á procura de uma voz maravilhosa de mulher, e não de uma mulher que tenha uma voz maravilhosa. Eu ando á procura de um homem que ache que na mulher a voz é tudo, e o resto... quasi nada. — Acha que não existe esse homem? Não? Pois existe! E é tão facil encontral-o... — Onde? **(e para dar-lhe uma illusão de tristeza)** Num asylo de cegos, meu amor... Vamos mudar de assumpto. E como se chamava aquella mulher de que você tem tantas saudades e que lhe falou uma vez da illusão? — Como? Fausta? Uma mulher assim com umas attitudes fidalgas, de displicencia? — Essa mesma? Oh! pois é uma grande amiga minha, muito amiga minha. Quer vel-a? Quer causar-lhe uma surpreza? Tome agora mesmo um taxi e salte diante do maior predio de apartamento da praça Marechal Deodoro. Entre e procure o apartamento 516. — Não... Não mora nesse apartamento. Mas nesse apartamento ha uma pessôa que lhe dará o endereço de Fausta, mas só si você disser com ares de mysterio... "O en-dere-ço del-la..." Assim mesmo... Por que? Não pergunte... Vá depressa! Tome o taxi! **(Desliga. Retoma a sua attitude de spleen e começa de novo a mexer nos discos quando a campainha da porta bate varias vezes, nervosamente, e ouve-se uma voz, de fóra:)**

UMA VOZ — Abra em nome da lei!

FAUSTA **(sem se preoccupar dá primeiro uns retoques na sua pintura, diante de um espelho)**

A VOZ — Abra em nome da lei!

FAUSTA **(abre a porta)**

O commissario e os dois agentes do 1º quadro entram numa attitude caracteristicamente policial.

O COMMISSARIO — Aqui está um homem!

FAUSTA — Por emquanto, apenas uma mulher...

O COMMISSARIO — **(examinando-a d'alto a baixo e sem poder conter a sua admiração)** — É interessantissima!

FAUSTA — Oh! muito obrigada... Pensei que a policia não prestasse homenagem á belleza...

O COMMISSARIO - A policia é humana minha senhora... A policia tambem tem coração...
UM AGENTE — E outras coisas!
O COMMISSARIO (**aos agentes**) — Mudo de idéa. Vocês não ficam aqui. Desçam e vigiem a entrada. Muita argucia, meus amigos! Retirem-se!
OS AGENTES (**retiram-se, mas com uma expressão de quem diz: "Que sujeito desigual"!**)
FAUSTA — Sente-se, por favor. A que devo a honra da sua visita?
O COMMISSARIO — Na vida, minha senhora, nem sempre acontece o que a gente quer. Na presença de um typo tão gracioso de mulher, em que funcções gostaria de estar eu? Logicamente numa funcçao romantica... Mas o dever me indica uma outra funcção, muito desagradavel para mim e para a senhora tambem...
FAUSTA — Desagradavel por que? O sr. é tão amavel... Não quer um licor?
O COMMISSARIO — Muito obrigado ... Desgraçadamente...
FAUSTA — O sr. não bebe... Que mal faz um licor?
O COMMISSARIO — ... desgraçadamente, minha senhora, eu aqui sou um commissario de policia...
FAUSTA — Si eu tivesse commettido algum crime, podia me impressionar com a sua visita...
O COMMISSARIO — Pois a policia suspeita...
FAUSTA — De mim? Eu já sabia.. Tive uma vez um incidente muito interessante numa redacção de jornal. Uns **reporters** scismaram que eu era a ladra do mysterioso assalto do apartamento azul, e me levaram, com violencia e ether, á presença do seu director. Mas eram tão infantis as suspeitas que o director nem siquer acreditou na narrativa dos **reporters**. Sinceramente: o sr. acredita que tenha sido eu a ladra?
O COMMISSARIO (**depois de um pequeno embaraço**) — Não... Mesmo porque não ha nenhuma prova,nenhum indicio seguro. Desculpe-me a pergunta: mas como se explica o facto de não ter mais a sra. voltado ao seu apartamento da praça Julio Mesquita, depois do roubo?
FAUSTA — Muito simples: eu nunca morei na praça Julio Mesquita...
O COMMISSARIO — Como sahiu então daquelle predio do apartamento azul mais ou menos á 1 hora da manhã?
FAUSTA — Muito simples: Na praça Julio Mesquita, naquelle predio, no apartamento 214, mora uma amiga minha casada com um medico, que é o meu medico. Senti-me doente, ao sahir do theatro, e fui á casa do meu medico...
O COMMISSARIO — E como se explica então o facto de ter o porteiro informado á policia que a inquilina do apartamento 214 sahira naquelle momento?
FAUSTA — Minha amiga, a mulher do medico, se parece muito commigo. Foi uma confusão do porteiro...
O COMMISSARIO — Ah... E chama-se tambem Fausta a sua amiga?
FAUSTA — Tambem...
O COMMISSARIO — Ah...
FAUSTA — Por que se admira tanto?
O COMMISSARIO — Brasileira?
FAUSTA — Eu?
O COMMISSARIO — Sua amiga...
FAUSTA — Cubana.
O COMMISSARIO — Ah...
FAUSTA — Mas diga: por que se admira tanto?
O COMMISSARIO — Porque assim se explica a "gaffe" da policia. A policia fez uma confusão em torno de tudo isso, e tomou por base das suas investigações as informações de um certo Pablito...
FAUSTA — Pablito?
O COMMISSARIO — Conhece?
FAUSTA — Mais ou menos...
O COMMISSARIO — De onde?
FAUSTA — Pelas coisas que me disse delle minha amiga...
O COMMISSARIO — A mulher do medico?
FAUSTA — A mulher do medico...
O COMMISSARIO — Que é mulher em que sentido?
FAUSTA — Provisorio...
O COMMISSARIO — Amante?
FAUSTA — Ou isso...
O COMMISSARIO — Ah...
FAUSTA — Por que se admira de novo?
O COMMISSARIO — Porque estou vendo o mysterio augmentar outra vez... (**nisto a campainha toca**) Quem será?
FAUSTA — Vou ver... (**encaminha-se para a porta**) — Quem é?
A VOZ DE VERMOREL, **de fóra** — O en-de-re-ço del-la...
O COMMISSARIO (**tambem mysteriosamente**) — Ah... (**faz signal a Fausta para que espere um pouco e esconde-se num lugar qualquer**)
FAUSTA (**abrindo a porta**) — Póde entrar...
VERMOREL (**com espanto**) — Você?
FAUSTA — Parece...
VERMOREL — Faça então o favor de não rir dos trotes que me passou...
FAUSTA — Trotes por que? Foi apenas um expediente que eu descobri para gozar do encanto da sua palestra...
VERMOREL — Muito obrigado... (**tirando a cigarreira**) — Permitte que eu continúe a dar-lhe cigarros?
FAUSTA — Forçosamente...
VERMOREL — Como naquella noite? Cigarro contra cigarro?
FAUSTA — Forçosamente.... (**colloca o cigarro nos labios e fica á espera de que Vermorel o accenda**)
VERMOREL (**sentando-se**) — Permitte?
FAUSTA — Ora... (**senta-se tambem**) Não quer ouvir uns discos? Chegaram alguns de Buenos Aires.
VERMOREL — Bonitos?
FAUSTA — Como todas as coisas que vêm de Buenos Aires...
VERMOREL (**sorrindo**) — "La Morocha", inclusive...
FAUSTA — "La Morocha"... Diga-me uma coisa, você, que é escriptor: como se explica essa attracção mundial pelo tango?
VERMOREL — Explica-se porque o tango é o cinema da saudade. Cada tango que a gente ouve recorda um romance vivido. E de cada romance vivido, que já morreu, ficou uma saudade... (**mexendo nos discos**) Olha aqui: este chama-se "Tengo miedo". E diz o "refran": "Tengo miedo de quererte y de volver a empezar"...
FAUSTA — Você não canta?
VERMOREL — Ás vezes, na intimidade... Como soube?
FAUSTA — Disseram-me... Não quer cantar um pouco para mim?
VERMOREL — Garante que mais ninguem nos ouvirá?
FAUSTA (**como que se recordando do commissario que se escondeu**) Ninguem...
VERMOREL (**começa a cantar com todas as encabulações de um amador**).

(Continúa no proximo numero)

Quarto de dormir

Pelo amor de Deus...

O Chefe do Governo Provisorio em visita ao Estado de Minas Geraes

Antes do banquete no Palacio da Liberdade e um aspecto dessa festa cordialissima e de immensa significação pelos discursos trocados.

A' esquerda:
o Presidente Getulio Vargas, com o Ministro Francisco Campos, sahindo da Escola.

Chegando ao Tribunal do Estado

Na porta da Matriz de São José

Com Senhoras e Senhoritas hospedes do Hotel de S. Lourenço.

Juarez Tavora

ESTE mundo é muito complicado. Se o outro mundo é assim, francamente: não vale a pena morrer. Pensei isto, pensando em Juarez Tavora. Juarez Tavora, com tanta altura, com tanta coragem, novo, forte, decidido, não nasceu para andar solto. Bem que elle anseia pela liberdade. Bem que elle exige, abertas deante delle, as portas e as estradas. Mas ninguem quer saber de Juarez Tavora quando Juarez Tavora escapa do seu destino de victima. O Brasil inteiro o adorava. Era, como se diz: "um idolo do povo". Tinha fugido da prisão. Tinha organizado, na sombra, a Revolução nortista. Chegou ao Rio, uma tarde de temporal, dentro de um avião. Delirio. Debaixo da chuva, entre raios e rajadas, a cidade unanime acclamou o vencedor. O vencedor trazia ainda os vestigios do perseguido. Emquanto duraram os vestigios duraram as acclamações. Depois, Juarez Tavora ficou importante. Sem grades. Sem muros. Sem mysterio. Á mostra. Foi então que descobriram que elle estava solto. E era outro. Não era mais Juarez Tavora. Aquelle Juarez Tavora. Acabou-se o idolo... Eu não disse? Muito complicado este mundo!

ALVARO MOREYRA

Desenho de J. Carlos

BELLEZA INTERNACIONAL

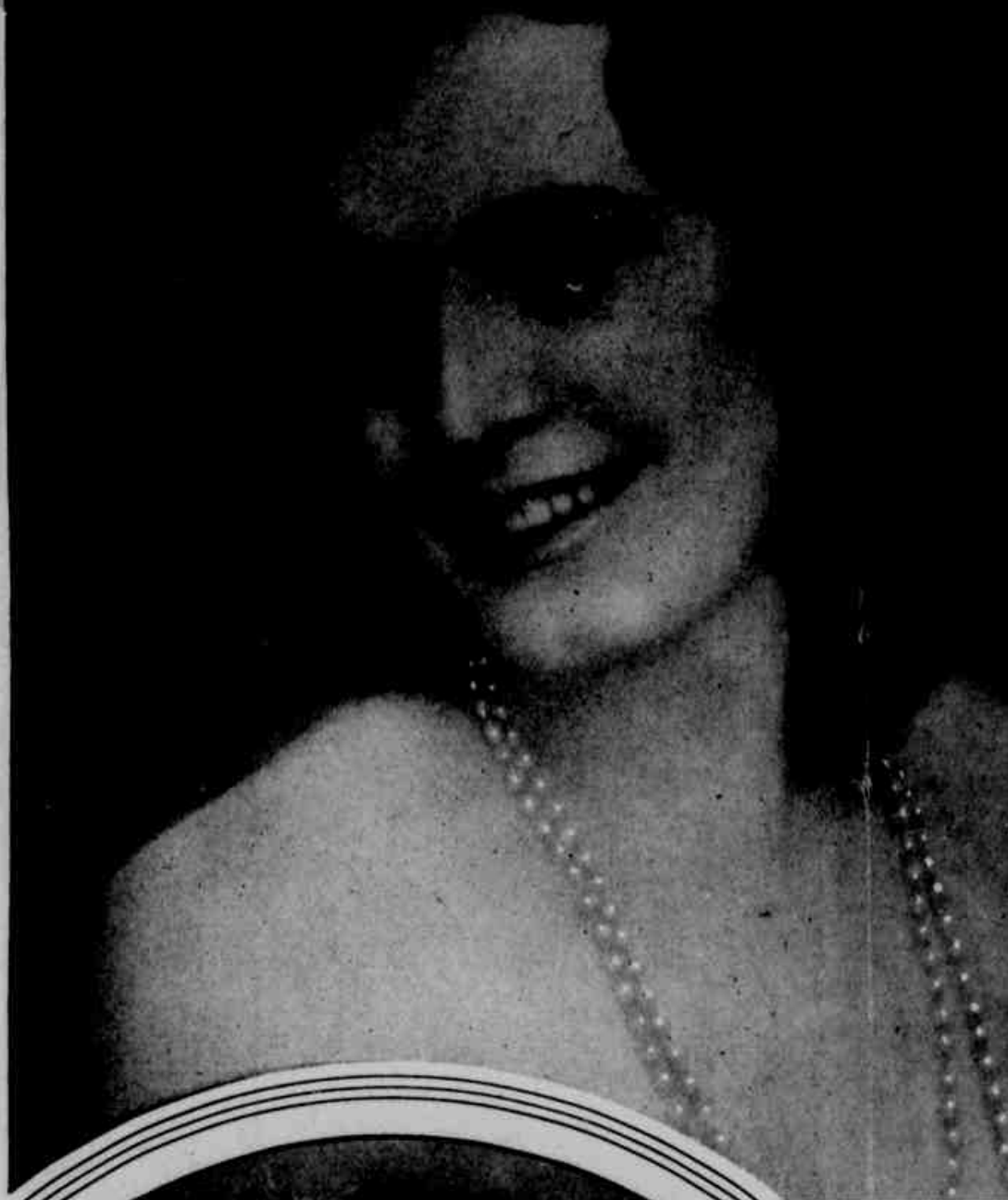
Em baixo: Senhorita Jeanne Juilla, que foi Miss Gascogne e Miss França. Agora é Miss Europa. E vae ser Miss Universo na certa.

(Photo Universal)

A chegada de Miss Allemanha ao aerodromo do Bourget. Miss França foi recebel-a e levou-lhe flores. Miss Allemanha é a Senhorita Richard.

Photo Keystone

MISSES DE 1931

Senhorita Vusoreano Miss Rumania

Senhorita Nachidé Saffet
Miss Turquia

Em cima, a segunda:
Senhorita Haentjehs,
Miss Austria

Senhorita
Inga Arvad,
Miss Dinamarca

Em baixo:
Senhorita
Rodis,
Miss Grecia

De
boina:
Senhorita Juilla,
Miss França, eleita Miss Europa

Murilo Mendes

premio de poesia da Fundação Graça Aranha. Vae publicar um livro novo, "Deus uno volante).

(Photo Nestor)

O homem que insensibilisou o coração

por

TIGIPIÓ SOARES

Eu fui o homem que insensibilisou o coração.

Quando nasci, mal abria os olhos para a Vida, Alguem falou: "Tu serás o Bom. O Terno. O Differente. Teu coração conterá unicamente a Bondade das Bondades. E a Lagrima será o symbolo, o padrão dos teus sentimentos."

Cresci. Cresci.

E nas estradas poeirentas, e nos caminhos lodosos e nas viellas sangrentas e nas avenidas luxuosas, chorei, chorei. E bendisse a dor que vem dos homens e bendisse o soffrer.

E cresci. E cresci.

Conheci a maldade e a hypocrisia, a saudade de algo que é querido, o sensualismo sensual da vida, e a dôr, só a dôr. Conheci...

E chorei.

E cresci e cresci.

Os homens, porque lhes fui bom, extremamente bom me calumniaram. As mulheres, porque as quiz como irmãs, como santas me escarneceram. E as crianças — até as crianças, Senhor! — as crianças me jogaram pedras.

E eu sorri. E chorei. "Rir e Chorar" — synthese da Vida.

E continuei. Continuei...

A lagrima sempre foi o balsamo das dores. E tudo que meus olhos viam, por tudo que sentiam, choravam... choravam...

"Quizera eu ter em mim — disse certa vez — tudo o que os outros têm. As chagas, as desesperanças, a maldade, as desillusões, a hypocrisia e a ruindade da alma e do coração. Quizera ser ruim. Máo.

E chorei outra vez. Só em pensar assim.

* * *

Mas um dia veiu em que consegui insensibilisar o coração. Tornal-o de pedra. Insensivel a tudo. Não chorar.

Foi assim: Nuvens negras como a alma dos miseraveis amontoavam-se no céo. A terra, luxuriosa e devassa, era só vermes. Os homens inconscientemente, embriagados pela ambição e pela carne, cantavam. As mulheres deliravam — quando eu me puz a andar...

Percorri florestas. Escalei montanhas e rolei de serras. Atravessei saharas. Vi cidades e villas. Neve e solidão...

Procurava a Pureza. A Sinceridade.

E numa das voltas de um caminho obscuro, tiritante de frio, encontrei-as. Unidas.

Amei. Pela primeira vez. E chorei. De amor...

* * *

Era pequenina como as avezinhas. Vivaz como os olhos das crianças. Ingenua. Simples. Amorosa. Bôa. Casta. Linda. Jovial.

A pelle era morena. Os cabellos escuros.

Chamei-a Thais. Só Thais.

* * *

Coberta com os meus trapos, apertei-a ao peito. Grossas bategas de chuva me perfutavam as carnes. Vinte vezes pareceu-me cahir. Tropeçava no ar. Os pés vertiam sangue — quando cheguei.

Acalenteia-a. Brinquei. E me dediquei de alma e coração á sua vida.

Chorava quando a sentia soffrer. Sentia os seus prazeres pelos meus prazeres. Sua vida pela minha vida. Rejuvenescia, sentindo-a tão criança.

A minha bondade era a sua bondade. Jesus, o crucificado, certamente, nunca foi assim.

Quando se tornou melhor, eu disse: "Thais: vamos unir os nossos corpos perante Deus. E dessa união, sagrada de dois corações bons, sensiveis, e duas almas puras, surgirá a nova raça que repovoará a Terra".

E chorei.

* * *

Depois, a derrocada chegou.

* * *

Foi então que eu senti que o meu coração se insensibilisava. Tornava-se de pedra.

Quiz chorar. Não pude. O seu cadaver não me dava pena. Nem asco. E conheci o odio, as desillusões, as desesperanças, a hypocrisia e a maldade.

Desgraça! Desgraça! Desgraça!

* * *

Thais, a minha Thais que eu criara e amoldara ao meu gosto, a alma pura e a bondade de coração. Thais a quem eu fizera eu mesmo e a quem preparara para a resurreição da Humanidade. Thais a quem vinte annos procurei e vinte annos depois, eduquei e por quem soffri. Thais, no dia da nossa união sagrada — hypocrita — me trahiu.

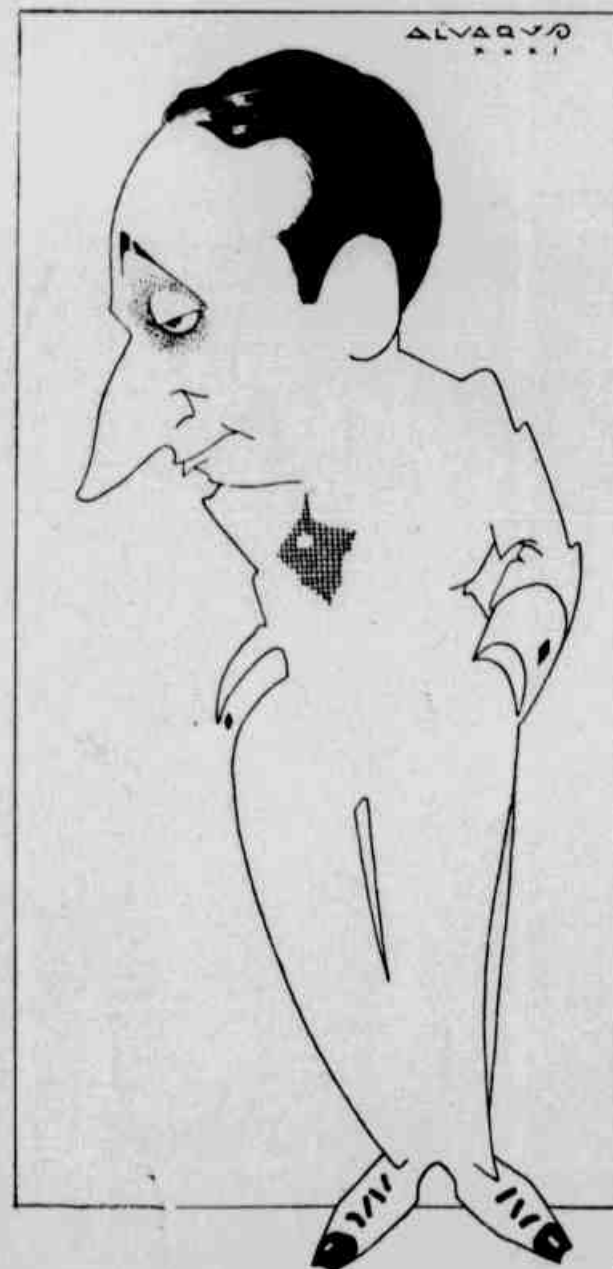
* * *

E desde então mudei o meu destino. E nunca mais chorei.

* * *

Eu fui o homem que insensibilisou o coração.

Celestino Silveira

que acaba de publicar "Carne Moça e outras banalidades", uma comedia interessantissima e uma chusma de instantaneos vivos.

(Desenho de Alvarus)

CASAMENTOS

Herminia
Carneiro
Ribeiro
com
Henrique dos Santos Mathias

Nadir de Miranda
e Silva
com
Henrique Pinheiro de Almeida

Maria Lydia
de Paula e Silva Portato
com
Mario Sampaio Vianna

A'procura do absoluto

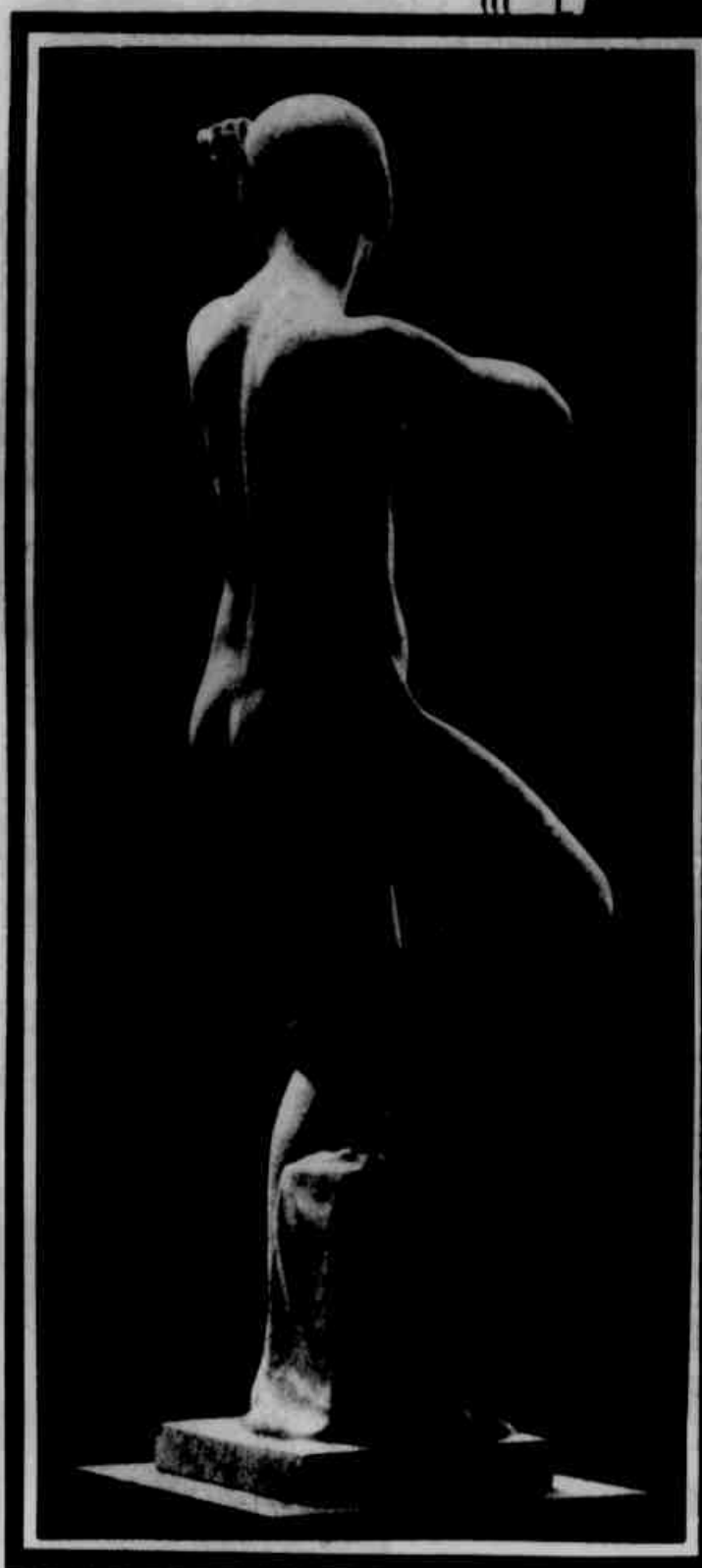
por

BEZERRA DE FREITAS

Os pensadores de hontem elevaram o Absoluto á altura das cousas imponderaveis da vida. Todos os phenomenos inexplicaveis pelo senso commum, as grandes tragedias do espirito humano como os pequenos passeios da imaginação, quando não encontravam o seu *fiat* luminoso, eram immediatamente inscriptos no catalogo do Absoluto. O tempo, inexoravel como uma forca, incumbiu-se, porém, de demolir as barreiras dessa pomposa theoria do conhecimento, ou melhor, da ignorancia... O Absoluto despiu a tunica singular e veiu para a praça publica protestar contra os metaphysicos e os poetas do pre-romantismo. Encontramol-o no turbilhão das Bolsas, destruindo as leis fataes da economia politica, erguendo usinas electricas superiores ás maiores cataratas do mundo, transformando bufalos e cavallos selvagens em genios superiores e sorvendo corôas, dynastias e valles imperiaes com a alegria tranquilla de quem sorve licores ou entorpecentes. O Absoluto é hoje a imagem immemorial do Relativo. Em menos de doze horas, as patrias se dissolvem em tabús ou se projectam em beneficos raios de sol, conductores de saude e de belleza. Pobres philosophpos sensualistas, bisonhos conversadores de academias, todos pararam deante da porta do Absoluto. Seculos foram archivados. Idéas se fundiram com a rapidez de metaes. E, aberta a grande porta, verificaram os homens, espantados, que o mundo preparava a edade do gymnasio, da arena e do sol. Somos freudianos, somos os ultimos povos da terra que ainda escrevem saudade, felicidade, amor... Era ainda a nossa alma primitiva que nos conduzia aos desvarios do Absoluto, era o Relativo que guiava os nossos instinctos. Porque ninguem suppoz que fosse possivel mudar de alma...

Posse da nova directoria da Associação dos Empregados no Commercio e entrega do titulo de "Socio Honorario" ao Senhor Lindolpho Collor, Ministro do Trabalho.

ESCULPTURA

Detalhe
do celebre grupo "A Harmonia"
de Bistolfi.
O grupo está no Theatro
Nacional do Mexico.

"Mulher"
marmore de Cecil Howard,
artista norte-americano.

"A Virgem
e o Menino"
do
artista
brasileiro
Victor Brecheret

"Cabeça
de homem"
de
Caringi,
artista brasileiro.

DE HERMAN LIMA

QUANDO elle entrou no café em pleno borborinho das duas da tarde no bairro commercial, houve no nosso grupo de passageiros em transito pela cidade um só e vivo movimento de susto e repulsão.

Era uma avantesma sinistra, criação teratologica de um cerebro tangido a toxicos alucinantes, coisa assim de Durer, de Hoffmann ou de Poe.

Treijeitear.do, os braços anquilosados em angulo agudo contra o corpo, com as mãos pendentes dos punhos como decepadas; os longos dedos em feixes de ossos; as carnes do pescoço contraidas a repuxarem o queixo contra o peito; a bocca sem beiços, desconforme, fendida num gilvaz atroz que se alastrava de viez ao meio da mascara horrenda, como golpe incisivo de navalha; os buracos das ventas negrejando fundos; os olhos de peixe, redondos e duros como bolas de vidro, sem pestanas, nem cilios, nem palpebras, talvez; as orelhas quasi soltas do craneo escalvado, — nada mais perturbador e repellente do que aquella fenomenal carantonha de doente.

Para mirar em torno, como não pudesse erguer a cara grudada ao tronco, o monstro revirava aterradoramente os olhos pavorosos, num geito macabro, a só lembrar carangueijos de mangue gigantescos. E, todo elle desconjunctado e torto, um hombro erguido em geba á direita, o outro descaido grotescamente, os gestos lentos e o passo tardo, com qualquer coisa de terantula desconforme — ia de uma a outra mesa, a implorar humilde a caridade alheia.

Deante de nós, parou um momento, aguardando a esmola que o nosso pasmo impedia de sacarmos da algibeira, tão tolhidos ficaramos áquella espantosa eversão da nobre forma humana.

Agusto Bacellar, conterraneo amigo, que o acaso feliz puzera no cáes, a proporcionar-nos o mais prazeiroso dos encontros, ha muito morador na terra, sorria-se da nossa commoção, affeito que estava já sem duvida á presença inaturavel da criatura.

— Toma, "fantasma da Opera", e deixa a gente em paz — e punha entre os dedos flacidos do avejão tremendo uma moeda de prata, a afastal-o de nós.

Colheu-nos de chofre o appellativo estranho. E, como todos o olhossemos com uma só interrogação gritante no nosso ar pasmado, Augusto desatou a rir, sonoramente, perguntou:

— Que cara é essa de vocês? Parece que viram alguma alma do outro mundo!

— Fantasma da Opera? Mas que quer dizer isso, pelo amor de Deus?

Nosso amigo depoz o chapéo sobre uma cadeira vaga, ao lado, e, cofiando uma regra mecha dos cabellos rebeldes, num sestro antigo que todos nós, outróra companheiros de gymnasio na capital do nosso Estado, conheciamos de sobra, toda vez que elle attentava n'alguma coisa — mirando a um e a outro, poz-se a contar.

Fôra historia de alguns annos atraz, dando que falar em toda a cidade, através das palestras e dos jornaes.

Criado num lar incompleto pela morte da mãe ao deital-o no mundo, filho unico de pae abastado, Paulo Vidal crescera e se fizera rapaz, entregue a todos os prejuizos de uma educação mimalheira e falha. De genio dissipado e folgazão, sabia disfarçar hypocrittameente os instinctos culposos, para mais captar as graças do pae, criatura rispida e rude no trabalho, que para elle, porém, todo se abria em edulçorados affectos. Educado no melhor collegio local, era em vão, todavia, que intentavam incutir-lhe no senso qualquer idéa segura; certo das rendas paternas, com esperança fatalista no dinheiro accumulado tantos annos, á custa sabe Deus de quanto esforço doloroso, e que lhe viria ás mãos mais dia menos dia — tanto prognosticava a adeantada lesão cardiaca do velho — o rapaz achava sempre geito de alhear-se ás classes e aos estudos, para toda a sorte de proezas e aventuras. Pol-o, afinal, o pae na sua casa de negocios, onde por uns tempos pareceu de verdade tomar rumo certo. Mas, durou pouco esse estagio de acalmia, porque bem cedo lhe entrou um dia pela casa o cadaver do velho, siderado na rua á rotura final do coração.

Começou ahi a tragedia da sua vida.

Herdeiro universal de oitocentos a mil contos de réis em predios, apolices e outros titulos — além da firma commercial que a imprevidencia paterna lhe entregara livremente, — joven, sadio e desempenado figurão da alta roda, Paulo Vidal em pouco era *enfant-gaté* de todos os saraus dansantes e de quanta *kermesse* ou festival se arranjasse.

Numa linda barata chispante nos vernizes coloridos, era infallivel nos corsos dominicaes pelos arrabaldes alegres, em companhia de amigos do mesmo porte.

Passando depois a novos meios — enfarado logo das festas familiares, atirou-se com o mesmo exito ás salas dos cabarés elegantes, onde em pouco o perseguia uma verdadeira revoada de cabecinhas tontas de amor facil e de champanha. De uma volubilidade sem nome, apontavam-lhe dezenas de amantes, indo de uma a outra ligação ruidosa, como se não lhe fizessem mossa alguma ao coração. Decerto, sim, á algibeira, porque as notas de banco esvoaçavam em nuvens das suas mãos liberrimas, sem termos a medir.

Foi nesse tempo, já em meio á derrocada fatal, que veiu a conhecer a Sulamita, uma capitosa morena do sertão, fruta do matto que o paladar de um viajante estroina cubiçára e gustara no seu povoado quieto, arrebatando-a aos esplendores da capital, para atiral-a depois, ao eterno epilogo de todos os romances iguaes, á dourada arena do vicio e do peccado. Fruta do matto, ainda com todo o travo gostoso das coisas não contaminadas, que nem aquela vida desregrada chegára a alterar, sempre direita e digna, em todo o aprumo da sua alma violentada, a resistir á libertinagem ambiente, a rapariga não tardou a chamar-lhe a attenção, por isso que era a unica a se quedar indifferente aos seus rúmorosos galanteios. Provocou-a. Levava-a todas as noites para a sua mesa, arrastava-a para as dansas, tentando em vão obrigal-a á mesma folia escandalosa das companheiras. Até que afinal, positivamente doido de paixão pela corteză exotica, não demorou a instalal-a regiamente num bungalow magnifico, em sitio agreste e ameno, onde então desabrochou perturbadoramente o mais arrebatado de todos os amores.

Por alguns mezes, emquanto perdurou aquella exaltação lyrica, ninguem mais reviu os dois, nas alegres reuniões das noitadas perdidas.

O chalézinho discreto, entre arvores frondosas e trepadeiras rusticas, bastava á larga para o pleno goso da sua ardente ventura. Mas, á alma inquieta do rapaz não podia calhar por muito tempo aquelle hiato de serenidade.

Em pouco, noite, sim, noite não, foi retornando ao clube.

A amiga acompanhava-o nos primeiros dias, na sua assomada paixão por elle, que acabára afinal por lhe tomar de todo o coração. Mas, tanto soffria, á exhibição do prazer interesseiro com que as antigas amantes festejavam a volta do *filho prodigo*, como lhe chamavam, que preferia por fim trancar-se em casa,

doida de ciumes, para não ter a visão inaturavel da sua desdita.

Não paravam, porém, ahi as coisas.

Uma a uma, passavam as propriedades delle ás mãos de outros donos, nas escripturas faceis, que o tresloucado ia assignando, com o mesmo desprendimento com que rubricava os talões de cheques. E a queda inevitavel se esbocava já a todas as vistas. Por fim, só lhe restava a casa commercial, cujo balanço, assim mesmo, como estivessem no fim do anno, accusou um defficit espantoso, determinado pela incuria e má fé dos empregados e socios — com excepção de um apenas, velho amigo inseparavel do morto, que tudo envidára inutilmente, para evitar a catastrophe.

Eil-o, pois, inteiramente perdido, no turbilhão dos prazeres a que se affizera por completo. Os ultimos recursos passou a empregal-os no jogo, onde se apressou o seu fim. Passou do jogo aos emprestimos com os amigos. Esses, porém, como de praxe, amigos das horas loucas, não o aturaram por muito tempo. Foi-se assim, coisa por coisa, o bungalow feliz, o automovel, peças da mobilia rica, joias da rapariga.

Nada mais lhe restou por fim, senão o desespero inutil da amante, que vira aos poucos, sem poder oppor a minima resistencia, cavar-se aterradoramente o abysmo negro deante delles dois.

Foram morar, com o remanecente da passada opulencia, numa casinha modesta mas decente, num arrabalde quieto e humilde.

Como naquella antiga pausa de ocios longos, Paulo houvesse descoberto na amante uma doce e quente voz perturbadora, cheia de quebros dengosos e gostosas inflexões para as cantigas sertanejas, dera-lhe um professor de musica, com quem a rapariga se aperfeiçoara ás maravilhas.

Sem elle saber, no transe doloroso que os pungia agora, Sulamita procurou um dia o dono do cabaret em que eram antes freguezes assiduos, firmou com elle um contracto vantajoso, para cantar no palco, todas as noites, toadas e sambas alegres do sertão.

Houve uma scena de tremendas revoltas, quando Paulo Vidal se inteirou do caso. Mas, o senso da rapariga e a premencia cruel da situação acabaram por lhe tolher toda tentativa de resistencia moral.

Afundou-se na infamia inteiramente.

O dia todo enterrado na quentura macia do leito, envergava á noite o unico fato decente que lhe ficára, ia assistir ás canções da mulher, que se fazia pouco a pouco o numero de sensação da sala, tanta a doçura, a tristeza e a errante nostalgia que se evolavam das suas cantigas matutas.

Procurando no alcool esquecer ao menos a sua miseria vil, o rapaz não conseguia, no emtanto, enganar-se deante da commiseração desdenhosa com que o olhavam, na sua mesa isolada, os antigos companheiros, cujos commentarios ferinos áquelle rebaixamento da sua vida em flor chegavam muita vez, como chicotadas, até elle.

Foi quando, afinal, aquelle mesmo amigo fiel do seu pae, o socio honesto e alheio a todas as rapinagens dos collegas — que nunca se conformára com a desdita do filho unico do companheiro morto, conseguiu um dia atinar-lhe com o endereço, foi ter com elle a mais dura e severa confabulação. Ao deixal-o, obtivera, após uma crise violenta de lagrimas, que o rapaz fosse trabalhar na nova firma que elle formára — pois abandonára a outra — e onde o esperava de logo como socio.

Novamente, como outróra na casa do pae — a sua existencia pareceu rumar direito a alguma nobre finalidade.

A amante a custo deixára o contracto do cabaret.

Passaram a viver os dois serenamente, longe do bulicio e da foliá, até que o amigo, pesaroso de o ver no mundo sem familia, abriu-lhe um dia as portas do lar.

Num domingo ou noutro, ou n'algum dia de festa, lá ia elle almoçar no elegante palacete, onde as horas corriam breves, entre a prosa dos velhos e a garrulice das filhas moças do casal, a constituirem o mais gracioso contraste de typos: loura uma, como a trazer nos cabellos fulgores de sol nascente; a outra morena, esplendida morena brasileira, com todo o encanto tropical da raça, e por artes diabolicas, a entremostrar no geito e no aspecto, uma espantosa semelhança com a peccadora. Dahi, o que no principio parecera horrivel ao rapaz — aquella duplicidade satanica de Sulamita — acabar tornando-se para elle o mais invencivel feitiço no lar feliz.

E o que era inevitavel succedeu.

Preso de todo na teia de seducção imanente com que a moça lhe ia enredando o coração — Paulo Vidal ao cabo de dois mezes, correctissimo sempre no trabalho, pedia a filha do amigo em casamento.

Era mistér, porém, uma clausula terrivel áquelle contracto.

E foi, tremendo de remorso e de angustia, que o rapaz, dias depois, esplanava á amante a necessidade da separação.

"Como ella via, elle não poderia continuar naquella situação desesperada e infamante — só agora o reconhecia, na mais dura e cruel das ingratidões — em que o amigo o fôra encontrar. Só havia um meio de se rehabilitar na sociedade, e esse era o seu casamento."

Teve a coragem de dizer-lhe isso, esperando o estalar da tormenta iminente. Mas, ao contrario, apenas a mulher ficou muito pallida, conseguindo mesmo sorrir, mas um sorriso de tanta amargura, que as lagrimas lhe vieram aos olhos.

"Ella já sabia de tudo — disse e só esperava mesmo que elle confessasse a sua infamia. Era assim que lhe pagava todas as dedicações e todos os affectos. Muito bem. Chegava agora a vez de esquecer as horas de dôr e de tortura. E ella, ella que puzera nelle com o ardor do seu coração arrebatado, todas as esperanças e todas as ansias de ventura? Ella, que se contentasse com a memoria da felicidade perdida, não pensasse no que não merecia, e tratasse de procurar na miseria da sua vida antiga o esquecimento total."

Foram só as queixas que lhe ouviu.

Durante o resto da tarde, não tocaram mais no assumpto. E, quando á noite elle voltou da casa da noiva, encontrou-a já adormecida ou a fingir que dormia. Não lhe pode ver os olhos pisados de tanta lagrimas desesperada a correr horas e horas, emquanto elle gosava junto á nova amada os mais doces momentos. Não lhe pode mirar a face ainda convulcionada na mais dolorida de todas as paixões. Nada disso elle viu. A imagem da noiva cantava-lhe dentro da alma a alleluia do novo e puro amor. Foi um momento só, e, estirado no leito, adormeceu ditoso.

Vendo-o assim adormecido, um sorriso feliz desenhado na bocca sensual, aquella bocca ardente e voraz que lhe sorvera os beijos mais voluptuosos de toda a vida, e que talvez os labios da *outra* ainda afflorassem até no sonho traiçoeiro, a rapariga ergueu-se da cama, livida de morte, e a passos cautelosos foi ao guarda-vestidos — cujo crystal de lance lhe pintou tremente toda a infinita angustia da figura; abrindo-o de leve, com dobrada prudencia, para não despertar o amante, poz-se a escolher nervosamente, no meio das tafularias finas e luxuosas, o mais bello e rico de todos os seus trajes de festa: um vestido todo de rendas do Ceará, vaporoso e leve como estendal de espumas alvadias — o mesmo que ostentava no cabaret, na noite em que dansára com Paulo á primeira vez.

Deante do espelho, que novamente, por um momento, todo se dourou a refulgiu com o relampago moreno da sua estonteante esculptura desnudada — a mulher envergou rapidamente as roupas intimas, tambem tão tenues e subtis, lançando por cima aquella onda maravilhosa de gase palpitante, de onde exsurgia, num brilho de ouro fosco, o relevo immortal dos braços e do collo. Calçou os sapatinhos de setim branco — toda de branco, ella, como uma grande flor de carne estonteadora — acertou os cabellos de azeviche num geito rapido dos dedos ageis — e, toda prompta, no entono dos seus grandes triumphos nas salas de prazer, abriu a porta da alcova, deslisou ligeira para fóra.

A passos breves, pisando firme e direita, como se marchasse a uma festa, a grande festa da sua vida, encaminhou-se até a cozinha.

Foi um momento só o que durou a scena estranha.

Como se lançasse sobre ella alguma essencia capitosa, a lhe aguçar mais ainda os encantos gostosos, tomando numa prateleira uma garrafa de kerozene, embebeu minuciosamente as vestes todas.

De carreira, após, tornou á alcova. O amigo dormia sempre, no mesmo sonho de ventura e paz. Deu volta á chave, olhando ainda, um minuto, no crystal amigo, a figura de rosa morena toda orvalhada. E a idéa louca empolgou-a de subito.

Um sobre outro, phosphoros sobre phosphoros, lançou fogo ás roupas vaporosas.

Foi um apice, e a flamma viva cresceu, violenta, na facil combustão daquelles refolhos preciosos.

Então, num lesto salto de onça raivosa, a rapariga atirou-se contra o amante.

Houve dois gritos de amor e de odio confundidos — louco e desgarrado apello estarrecente ao seu perdido bem: — Paulo! Paulo! — com que esmagava, bocca contra bocca, os urros de horror do homem despertado.

Tolhido inteiramente naquelle amplexo de loucura e de morte, todo envolto no abraço mortal daquella amante estranha, feita de fogo como um phantasma maldito a arrebatal-o vivo aos turbilhões do inferno — Paulo Vidal, ainda estremunhado do somno, debatia-se como um possesso, mas em vão.

A dor alucinante multiplicava ao infinito o vigor letal daquellas carnes comburentes, daquelles tentaculos de chamma, que se apegavam a elle, como voltas de aço, inelutaveis.

E tudo, já, em torno aos dois, ardia tambem, cortinas do leito, rouparias, vestidos soltos sobre as cadeiras do quarto, para onde volteavam os bulcões da fogueira tremenda, que o crystal do espelho ao vivo retratava.

Quando os criados e os vizinhos conseguiram deitar abaixo a porta da alcova, e penetraram no aposento, foi um só grito de horrente espanto, ante a scena desgraçada, montão de carnes ardentes e negras, que se estorcia em convulsão, por entre os restos do leito incendiado.

Levados para o hospital, na mesma noite a rapariga expirava, em meio a dôres inauditas.

O amante, cujo corpo inteiro êra uma só espantosa chaga, venceu a crise tremenda. Mas, dahi a dias, quasi louco que ficára, com a imagem da scena diabolica a lhe conturbar todas as idéas, conseguiu fugir da enfermaria, madrugada alta, para concluir em casa a cura iniciada.

— Quando elle reappareceu na rua, ao cabo de longos mezes de crueis padecimentos, todas aquellas cicatrises viciadas, que a ausencia dos medicos determinára, haviam feito do desgraçado esse monstro que vocês acabam de ver — concluia Augusto Bacellar a sua historia. — E, como, por esse tempo, estivesse fazendo um furor doido na cidade aquella fita celebre de Lon Chaney — o "phantasma da Opera" ficou assim para toda a vida. Para essa vida, que elle arrasta agora, sem farrapo sequer de dignidade mais, a colher aqui e ali a migalha de uma esmola.

A mulher de quem Deus se lembrou

Greta Garbo

Vermelho cor do amor

(Notas de um reporter no dia 24 de Outubro de 1930)

Era uma vez no dia final da revolução.

Carmelitinha entusiasmada apreciando
o desfile de tropas e mais tropas,
os soldados com lenços vermelhos
distribuindo balas de dar tiro.

Carmelitinha revolucionaria
delirava patrioticamente gritava,
tanto fez que um soldado
deu pra ela o lonço dele.

O noivo de Carmelitinha
individuo ciumento vermelho
fez a contra-revolução.
Puxou as orelhas dela, xingou
tomou o lenço e rasgou.

Juntou gente, veiculos não passavam
e um orador aproveitou
o momento de elevado entusiasmo
cuspindo sobre o enorme auditorio.

Carmelitinha tinha coitadinha
os olhos bem vermelhos humidos,
o noivo a cara vermelha de raiva,
o orador vermelho patriotico
e os fotografos áquela hora
combatiam na fortaleza pra conquista
de uma pose do autor da revolução.

R O B E R T O   P L I S K E

No Santuario do Sagrado Coração de Jesus, em Nictheroy, depois da benção da imagem de Santa Margarida Maria Alacoque, em cima. No meio: quando foi a audição inaugural da Tarde musical da Infancia, no Theatro Mu-

nicipal da cidade vizinha. Em baixo: na commemoração do anniversario do Rotary Club da capital do Estado do Rio. Rotaryanos, artistas, convidados.

JONGO

Por BENJAMIN SOARES CABELLO

A negrada vem chegando, vem chegando. Ninguem avisou. Se approxima instinctivamente.

O tambú trepida o ar da noite.

Tum-tuc tum-tutuc tum-tuc tum-tutuc.

Chega mais preto, grande e pequeno, macho e femea.

A roda forma perto do lampeão solitario do bairro miseravel.

E delle gente, delle preto!

O velho Mauricio (eu me chamo Campos Novos, Campos Novos Serenata) carrega seus cento e pico de annos numa corridinha macia e gostosa dos pés-no-chão, estaca e escarva, chocalhando a inguaya, sacode a cabeça como cavallo mascador de freio, fazendo careta, dizendo besteira, a procura do ponto:

— Ali eu tô dizeno tudu dia, rapaziada não quirdita, raparigada não quirdita... Eu tô dizeno tudu dia nu terrero de Muzumba, no arto de São Juão, aiii.... Mais é que nois temo sastifeito mêmo, aiiii...

E se casca a engrolar barbaridades até que alguem pega o ponto. Esse alguem é mulata, já entre Juana y Mendoza.

— Ai seu dotô, ai meu amô...

(Seu dotô é o delegado de policia que me acompanha).

A mulata repete e pula para a cancha, gingando. Um creoulo dobrado, de torço nu, faz o mesmo. O tambú estrebucha. E salta outro casal. E mais outros. Fecha o tempo. A mistura desanda, damnada, selvagem, acossada pelo tambú, cadenciado e sinistro, e pelo estribilho molengo, brasileiro:

— Ai seu dotô, ai meu amô...

Batendo hombro direito com hombro direito e esquerdo com esquerdo, sambando, gingando, cantando o ponto ôco e chato, os jongadores volteam o terreiro até que param simultaneamente com tambú e tudo.

O garrafão de cachaça traça parabolas originaes na meia luz do lampeão de poucas velas.

Depois se repete a mesma scena, com estribilhos differentes, pescados todos pela mulata (já agora perfeitamente borracha) das engroladas intraduziveis dos cento e pico do Mauricio.

— Nois vamo todos chorá, mais não precisa saluçá.

— Eh sambaia tamperé.

— Capitão revolucionario manda fogo sem pará.

E por ahi a fora.

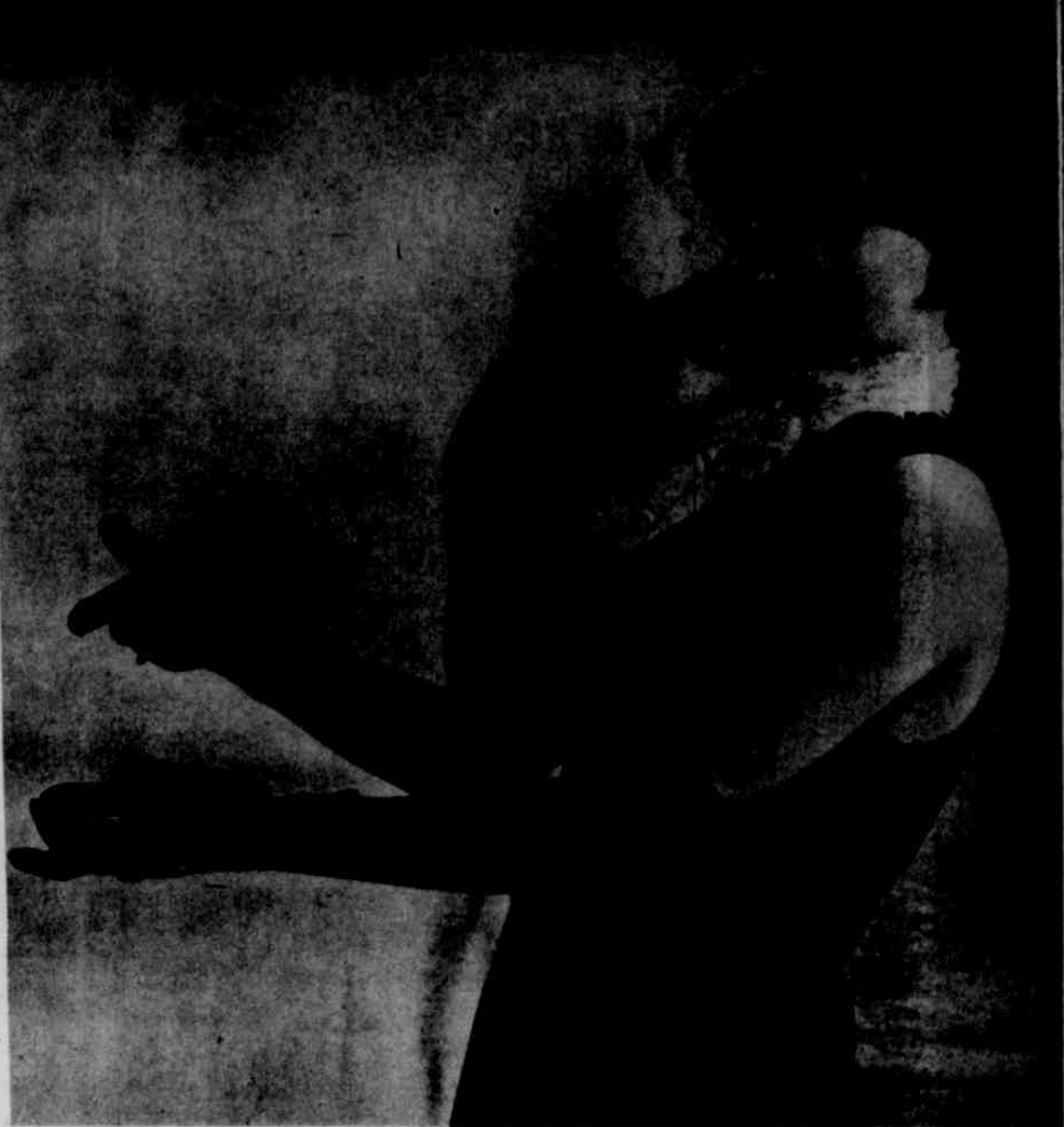
Um cafuso que tem um páu nas mãos arranca de um velhinho que é só osso esta observação cuspida:

— Jongo de véio não era ansim não. Nois ia tudo escotero.

Budun, tambú, cachaça, inguaya.

Taubaté dos padres... Brasil escravidão...

EM NOVA IGUASSÚ NO ESTADO DO RIO

Photographia tirada domingo, quando foi o "churrasco de gratidão" offerecido pelas classes liberaes aos proceres da Revolução Brasileira.

Tamara Geva

Nasceu na Russia. E' uma mulher tristissima. E' uma bailarina alegrissima. Pertenceu a companhia de Diaghileff. Foi da "Chauve Souris". Nikika Balieff levou-a um dia até New York. E Tamara Geva não quiz mais outra vida. Agora está no Selwyn Theatre, numero de grande successo da revista "Three's a Crowd".

SO' você mesmo, meu amigo, seria capaz de me obrigar a escrever hoje.

Você não me disse pessoalmente nem me escreveu que anda saudoso de mim. Você nunca mais falou da nossa amisade, você nunca mais disse da minha belleza. Você esqueceu de mim. E me deixou só e triste, triste e só, absolutamente sem graça, absolutamente sem "it". Você, desta vez, sorriu. Porque não comprehende, que, podendo falar em *quê*, nesta época de esforços para nacionalizar tudo, eu me deixe commodamente ficar no velho systema de adoptar gallicismos, que, fora de duvida, é; desta vez, um termo americanano, de Hollywood. Veio dos grandes "Studios" d'além mar para o bairro Serrador. Trouxeram-no o fallecido Valentino, o exaggerado Ricardo Cortez, a Lila Lee, a Joan Crawford, a lourissima Greta Garbo, e, agora; uma nova estrella allemã que está a rivalisar com a sueca tão do agrado do publico, nos ultimos tempos. Você infere, de todo este palavriado, que eu ando muito ao par das coisas de cinema, que me deixo ficar horas a fio numa das salas de projecção de um dos nossos inestheticos arranha-céos. E eu lhe garanto que do cinema sei mais pelo que vejo nas revistas. E das salas de cinema sei pelos que lá costumam ir attrahidos pela reclame de fitas *assombrosas*, pela vontade de ouvir "fox" ou um "blue" modernissimo, ou pelos annuncios das fitas que se desenrolam nas ultimas filas de cadeiras da platéa. Levo a minha preguiça ao ponto de apreciar as coisas atravez da apreciação alheia. Ouve-se de um e de outro, forma-se idéa propria, e lá se vae o commentario para encher espaço, num dia como o de hoje, marcado para para entrega da chronica e marcado pela falta de assumpto. Assim, você que eu tambem havia feito o proposito de esquecer, você que fiz timbre de adormecer na minha idéa, saltou hoje como taboa de salvação. Lembrei-me de você e do seu horror aos estrangeirismos. Fez piruetas na minha cabeça, ganhou umas cousas em letra de forma, e ficou mais uma vez acreditando que, quem é vivo sempre apparece. Só lhe peço desculpas de lhe dizer quasi nada, poucas palavras, e semsaboronas, descoloridas, inuteis. Mas o "it" é que me faz falta. Eu ando sem "it". Sem "it" e sem você. Não é nada mas sempre é alguma cousa neste tempo em que a gente precisa de "it" mesmo que o não tenha, mesmo que o não queira, mesmo. Serei eu só, no caso? Hum! Parece-me que o "it", aqui, está fazendo falta porque, dahi, você não tem nem para o gasto proprio...

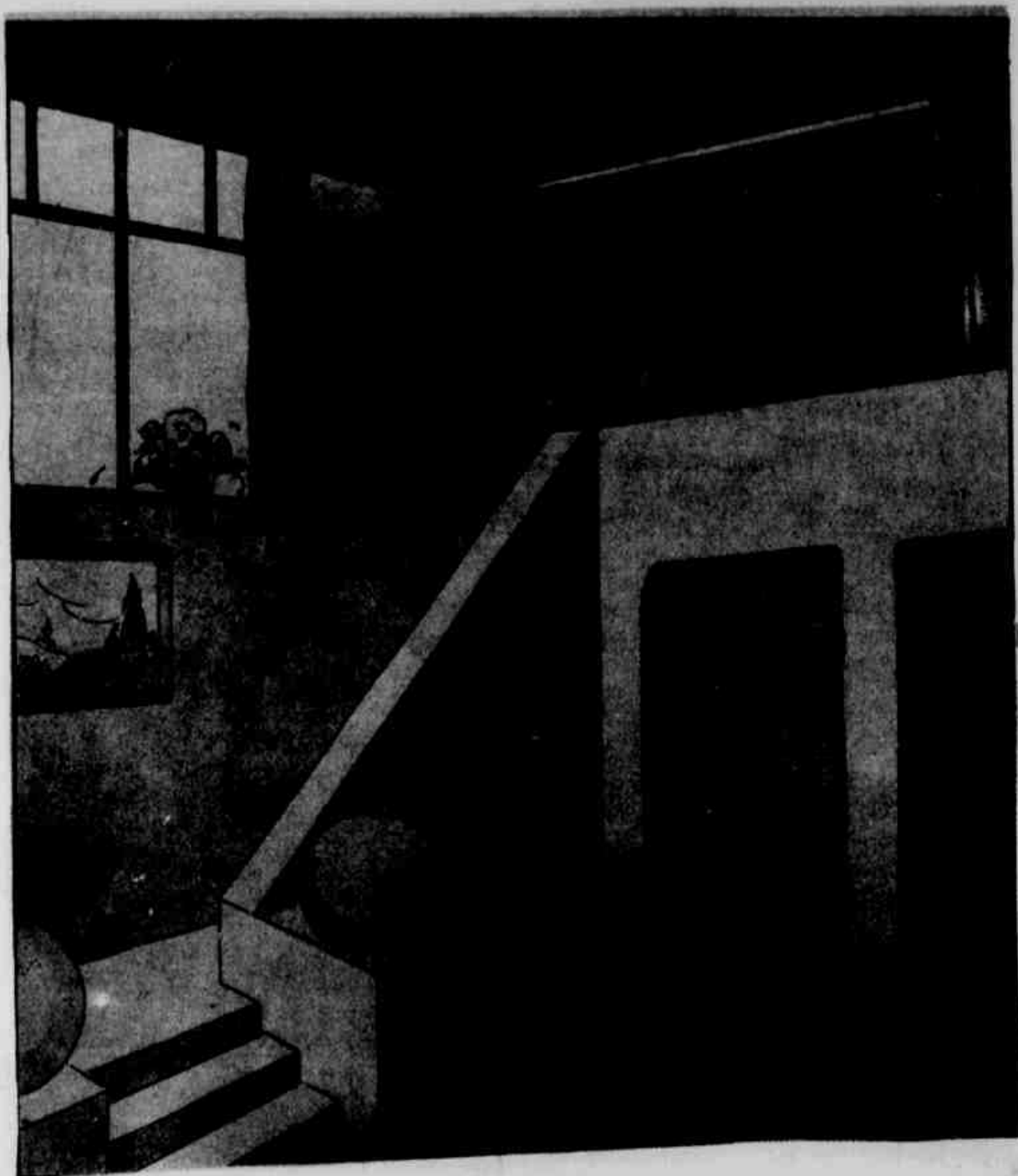
\+ + +

Figuram nesta pagina: quatro vestidos de crêpe. O primeiro, de "Georgette" "écaille" com a modernissima guarnição de franzidos; o outro, de crêpe romano "beige"; o penultimo, de crêpe setim preto e gola de crêpe rosa; por fim, crêpe de lã vermelha e gola branca.

Depois: algumas blusas que poderão ser feitas de seda ou de *lingèrie*, e aproveitados os tecidos marcados pelo colorante *Indanthren*, a melhor das anilinas.

\+ + +

Completam esta pagina: modelos de chapéos e um canto de casa feitio rustico.

\+ + +

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 844 — DESCRENTE (S. João d'El-Rey) — Vejo dinheiros pequenos e desintelligencia por motivos amorosos entre um homem de negocios e um militar. Ireis fazer no futuro uma viagem demorada que vos será proveitosa. Vejo ainda ausencia de pessoa querida, por pouco tempo.

N. 845 — MELINDROSA (Rio de Janeiro) — Vejo pequenos desgostos, contrariedades e lagrimas por causa da leviandade de um joven. Uma mulher edosa adoecerá gravemente fora de casa. Em horas de comidas e bebidas ouvireis boas palavras de um joven que vos estima.

N. 846 — MISS CARMENCITA (Cravinhos) — Em uma egreja recebereis breve uma prenda por intermedio de uma pessoa que vos estima e presta bons serviços. Não deveis ouvir as palavras de certo joven que vos trahirá se for attendido. Um homem de bem que vos estima se ausentará por negocios.

N. 847 — CIGANA ABANDONADA (Rio) — Sómente agora chegou vossa vez de serdes attendida. As cartas dizem isto: Tereis boa sorte no futuro, vendo realisadas vossas esperanças. Recebereis breve um mimo de amor assim como uma carta de reconciliação de pessoa desaffecta e ausente. Uma vizinha de má lingua pretenderá vos intrigar sem o conseguir.

N. 848 — HORA SILENCIOSA (Rio) — Dinheiros grandes e um acontecimento feliz e inesperado que vos dará muita alegria. Tereis de receber breve uma carta com boas noticias. Um homem moreno vos deseja mal, não conseguindo seus intentos. Fareis uma viagem de nenhum resultado pratico. Haverá uma doença de certa gravidade em vossa casa. Haverá ciumes e despeitos.

N. 849 — Fernanda (?) — Tereis de recever breve uma carta com boas noticias e pequenos dinheiros. Vejo depois algumas contrariedades, traição de falsa amiga e uma viagem inesperada. Haverá obstaculos a um matrimonio feliz que será, por fim, realizado nesta casa.

N. 850 — FELISBERTA (?) — Um homem da lei e um militar terão séria desintelligencia por vossa causa. Uma pessoa intermediaria e que vos presta bons serviços intervirá na contenda. Vejo tranquillidade futura, alegria e prosperidade. Breve sabereis de novidades que vos serão surpresa.

N. 852 — SERPENTINA AZUL (?) — A caminhos demorados vem uma carta com noticias desagradaveis. Logo depois e como compensação recebereis dinheiros grandes e sabereis de um acontecimento feliz que vos fará melhorar de condição social. Um homem edoso adoecerá sem gravidade nesta casa.

N. 853 — SERIMBÓRA (S. José dos Campos) — Vejo desvios de dinheiros, desgostos, preoccupações e vicio em um homem de negocios que acabará se ausentando. Uma falsa amiga deseja vosso mal invejosa de vossa ventura. Deveis ouvir os conselhos de um homem edoso e que vos estima. Breve recebereis boas novas pelo correio.

N. 854 — GAROTA (Pará) — Em um banquete ouvireis palavras boas de um joven que vos estima e vos fará uma promessa que será cumprida. Haverá no futuro um matrimonio feliz feito com muito amor, embora que com pouca fortuna. Haverá tambem uma pequena viagem sem resultado.

N. 855 — PROVOCANTE (Rio) — Vejo seducção, alegria, leviandade e desgostos, não agora. Uma mulher edosa se ausentará por doença. Em horas de comidas e bevidas vejo intrigas de um joven que tambem se ausentará despeitado. Haverá no futuro tranquillidade e paz duradoura.

N. 856 — MITSI (S. Paulo) — Vosso futuro é calmo e risonho. Vereis realizadas vossas esperanças. Recebereis, não já, dinheiros grandes com que não contaes e fareis uma longa viagem de bons resultados. Uma mulher de bom coração e que vos estima vos dará uma prenda muito breve.

N. 857 — GUARANY (S. Paulo) — Não apparece muito claro vosso porvir. Vejo uma questão no fôro com prejuizos de dinheiro, desgostos e contrariedades. Um homem da lei está ao vosso lado contra um homem de negocios. Por fim haverá um matrimonio feliz e ventura duradoura com alguma fortuna.

N. 858 — INDICADOR MAR (Bahia) — Haverá melhoria de posição e dinheiros grandes após um acontecimento inesperado e feliz que vos causará surpresa. Uma mulher invejosa procura vos fazer mal não o conseguindo pela intervenção de um vizinho benevolo. Vejo doença passageira nesta casa.

N. 859 — YVONNE (Sampaio) — Dois jovens pretendem vossa mão e um delles se afastará desgostoso e com despeito por não ter sido o preferido. Em horas de comidas e bebidas sabereis de novidades com cinco sentidos. Pela porta da rua virão surpresas trazidas por pessoa amiga e ausente.

N. 860 — WANDA (Rio) — Vejo no futuro obstaculos a um matrimonio feliz e uma mulher de bom coração que se ausentará por doença. Brevemente recebereis um mimo de amor com muita alegria. Uma mulher edosa terá alguns desgostos e contrariedades por causa de um joven leviano.

N. 861 — PAULISTA ORGULHOSA (S. Paulo) — A caminhos breves recebereis uma carta com boas noticias de pessoa amiga ausente. Em certa noite haverá ligeira indisposição nesta casa. Deveis ouvir os conselhos de um homem edoso e de bom parecer que vos estima.

N. 862 — NEBENRY (?) — Breve fareis uma pequena viagem de bons resultados para vós. Um homem de bem e que vos estima se ausentará assim como uma mulher que vos presta bons serviços e tem bom coração. Recebereis no futuro dinheiros grandes inesperadamente.

N. 863 — JOSÉ GABRIEL DOS SANTOS (Rio) — Vejo traição de pessoa amiga, não já, e ausencia de outra que deseja vossa felicidade. Uma mulher clara procurará vos seduzir, provocando ciumes e lagrimas em outra que vos estima. Recebereis breve uma carta de reconciliação de pessoa desaffecta e ausente.

N. 864 — PAZ DE SOUZA (Rio) — A caminhos vagarosos vem um acontecimento imprevisto que muito vos aborrecerá. Ireis receber brevemente uma carta com boas palavras e surpresas. Haverá um desvio de dinheiros e ireis receber tambem alguns dinheiros inesperados. Haverá separação de alguem que vos quer bem.

N. 865 — GRETA GARBO (S. Paulo) — Brevemente vos apparecerá um John Gilbert... Vejo grandes dinheiros, porém pouca sorte e más palavras, proferidas por uma mulher magra e morena que vos detesta. Recebereis uma carta com muitas novidades e que muito vos contrariará, não agora.

N. 866 — RAMON NOVARRO (Sampaio) — Tereis uma surpresa, que será recebida com sympathia. Uma mulher que vos estima breve se casará com felicidade; não vos esquecendo porém. Haverá lagrimas em silencio e uma correspondencia interceptada. Depois calma e ventura relativa.

N. 867 — CATASTROPHE (?) — Devieis ter escripto o resultado das cartas no mappa que publicámos e não em um outro papel qualquer, como veiu. Fazei como as instrucções determinam.

N. 868 — DINA (?) — Casareis vreve. Vejo breve uma surpresa, novidades e alegrias. Vejo fraca fortuna nesse casamento; porém felicidade relativa. Em horas de comidas e bebidas tereis umas contrariedades e desgostos passageiros.

N. 869 — CARMELITA A. B. (Capital Federal) — Vejo dinheiros grandes de um rival e de um homem de negocios. Haverá separação depois de uma carta que recebereis. Com lealdade alguem vos escreverá dando boas noticias de uma pessoa que vos quer bem.

N. 870 — MOEMA (Rio) — Um homem que deseja a vossa felicidade breve casará e se afastará, se arrependendo em seguida. Tereis uma grande paixão de amor por alguem que não vos corresponderá. Lagrimas, tristezas e contrariedades futuras. Depois ventura duradoura

Questões de Contabilidade

Está causando verdadeiro successo de livraria o livro sob a epigraphe acima, do abalisado professor patricio Sr. Oscar Castello Branco.

O trabalho está dividido em tres grandes partes e se occupa de Contabilidade — Escripturação — Mathematica — Direito — Pericia — Fraudes.

O carnaval gaucho

(F I M)

meiras horas da tarde, até ás primeiras da madrugada, para acabar em algum "cabaret", bebendo Champagne e dansando maxixes.

Você não me diz, na sua carta, que fez todas essas cousas. Mas eu lhe conheço bem o espirito folião e incansavel, e sei muito bem tudo aquillo que é capaz de fazer nesses dias em que todo o carioca esquece um pouco onde tem a cabeça.

Desafio-o a que me negue ter feito o que lhe estou dizendo. Você não teria essa coragem, habituado como está a dizer sempre a verdade á sua amiga, quer ella esteja a seu lado, quer esteja, como agora, nas terras longinquas e boas dos "Pampas".

Enviar-lhe-ei, brevemente, algumas photographias minhas, em traje de bahiana, e algumas vistas da cidade, nos dias da folia para que faça idéa do Carnaval em Pelotas.

Não quero, porém, terminar esta tagarelice com você, sem lhe dizer que nós aqui temos uma cousa que o Rio, apesar de ser eminentemente carnavalesco, não conhece: "o domingo da Pinhata". E' que aqui, no primeiro domingo depois do Carnaval, festeja-se-o novamente, tal como nos 3 dias de loucura. Voltam á rua, mais uma vez, os blocos e cordões; vestem-se novamente os dominós guizalhantes e discretos; reempunham-se os lança-perfumes, chocalhos e matracas, e brinca-se de novo, talvez com mais enthusiasmo, por ser definitivamente o fim; e mais um dia o povo esquece que a vida é má, e ingrata, para se divertir com satisfação. Assim é que amanhã emquanto você passar preguiçosamente o dia em casa, vestido em pijama fresco, bocejando de tedio e lastimando que o Carnaval não dure sempre, eu me vestirei de novo á bahiana, e irei gosar esse dia que o Rio não tem— o domingo da Pinhata.

E' elle um habito antiquissimo aqui no Sul, e admira-me que a nossa terra não o tenha adoptado. Você, que é conhecido como um dos maiores foliões, talvez possa, empregando o seu prestigio implantal-o no Rio. Ahi fica a idéa e você nada me deve por ella. Ao contrario. Ser-lhe-ei muito grata se puder, no anno proximo, gosar ahi o quarto dia de Carnaval.

Adeus, meu amigo. Você pensou causar-me inveja, falando-me na folia que passou, e eu, que como toda a mulher, abuso dos meus direitos, vingo-me alegremente, contando-lhe que aqui ha 4 dias de folguedos, em logar dos 3 que você tem ahi. Não me queira mal por essa vingançazinha. Não zangue commigo, que tambem não zanguei com você pela sua carta rescendendo a Rodo, e escripta na madrugada da quarta-feira de cinzas. Continuemos amigos. Faço-lhe, para isso, a vontade, e estendo-lhe as mãos, para que você as beije respeitosamente, como me manda dizer. E envio-lhe, desta terra encantadora, um sorriso muito amigo.

LAURA REGINA

Conselhos sobre a grippe

Advertencias da Saude Publica á população do Rio de Janeiro:

I — A grippe é uma infecção que pode atacar todos os orgãos e tecidos do corpo humano, produzindo por isso symptomas variadissimos que ficam na dependencia da intensidade do ataque e da importancia do orgão ou apparelho invadido.

II — Na grande variedade de symptomas que a grippe pode apresentar, tres são as suas formas mais communs e principaes: a broncho-pulmonar, a gastro-intestinal e a nervosa. A fórma hepato-renal, a rheumatoide e outras são menos communs. A febre, o quebrantamento geral do corpo, são symptomas que nunca falham.

III — O apparelho respiratorio, larynge, bronchios pulmões, raramente são poupados. Simples bronchite até pneumonia podem apparecer.

IV — As formas mais transmissiveis da grippe são as broncho-pulmonares, as mais communs.

V — E' principalmente pelas mucuosidades, excreções da bocca, do nariz, da garganta, dos bronchios que a grippe se transmitte.

VI — E' através da bocca e nariz que quasi sempre a infecção grippal nos entra no organismo.

VII — A prophylaxia da grippe deve visar a bocca e o nariz, tanto do doente como do são: ella sahe do doente pela bocca e pelo nariz e entra no são tambem pela bocca e pelo nariz.

VIII — O contagio da grippe pode ser directo: pelos perdigotos e particulas saltadas com a fala, a tosse, o espirro do doente sobre os labios, a bocca, as fossas nazaes da pessoa sã: ou indirecto, por meio de objectos ou alimentos contaminados pelo doente ou pelas moscas.

IX — Perdigotos, mãos sujas nos productos expellidos pelo doente, alimento onde poisam moscas depois de estarem sobre aquelles productos, eis os disseminadores de doentes.

X — Em tempo de grippe evite os resfriamentos, as agglomerações, sahir á noite, affrontar o máo tempo. Traga sempre o lenço embebido em qualquer essencia, agua de colonia por exemplo; leve-o á bocca e ás narinas quando falar a uma pessoa febril ou a tossir ou respirar.

Livraria Pimenta de Mello

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
(ANTIGA SACHET)

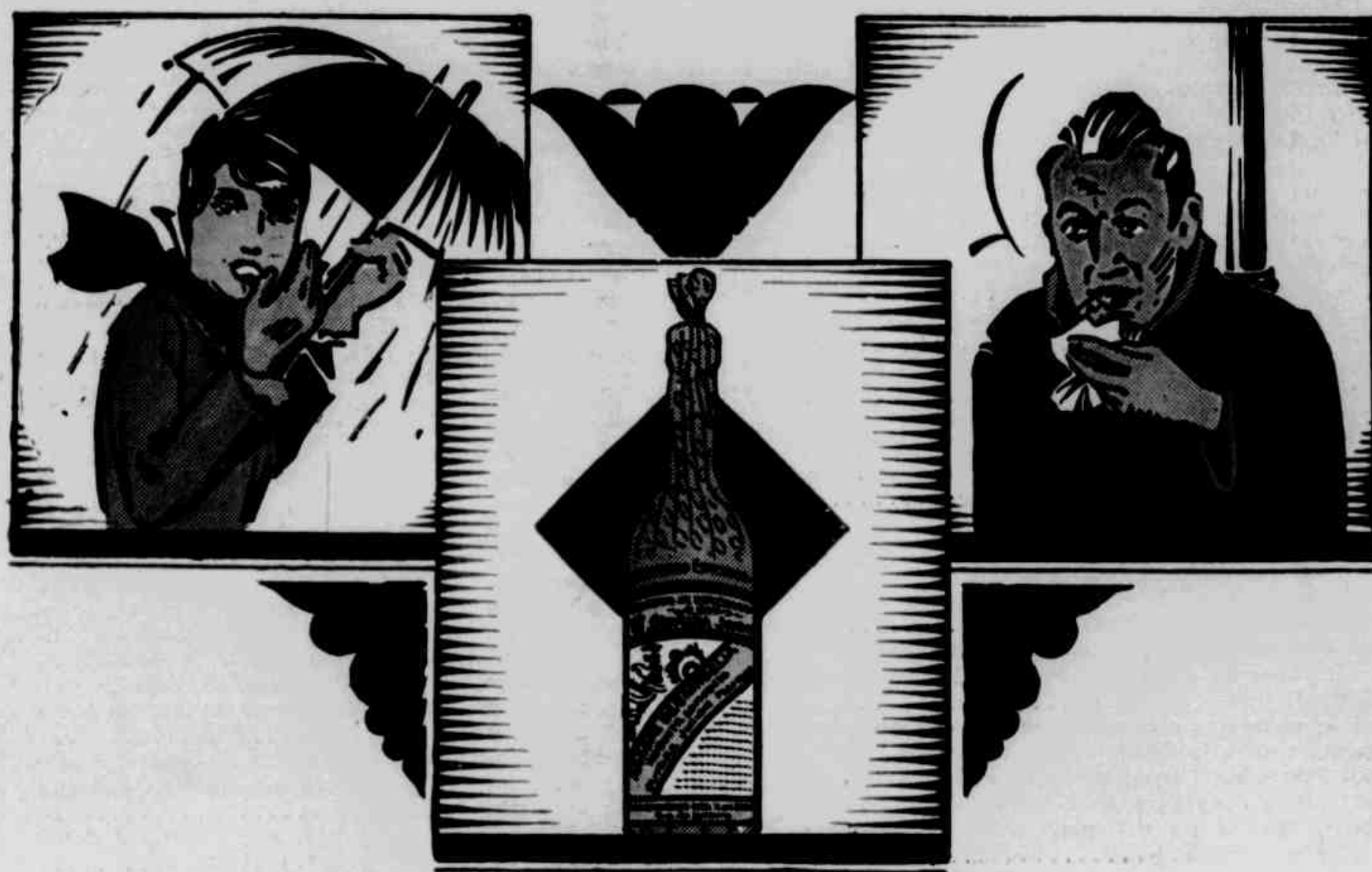
TELEPHONE 4-5825
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

Introducção á Sociologia Geral, obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) (Broch.).... 16$000
A mesma obra (Encadernada) .... 20$000
Tratado de Anatomia Pathologica, de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Professor da Cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Broch.) .... 35$000
A mesma obra (Encadernada) .... 40$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25$, enc. 30$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25$, enc. 30$000
Tratado de Therapeutica Clinica, volume 1º, por Vieira Romeiro (Dr.) Broch. 30$000, enc. 35$000
Tratado de Therapeutica Clinica. Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º volume. Broch. 25$, enc... 30$000
Siderurgia. F. Labouriau (Dr.) Broch. 20$, enc. 25$000
Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro. P. de Miranda (Dr.) Broch. 25$, enc....... 30$000
Amoroso Costa — **Idéas Fundamentaes da Mathematica**, Broch. 16$, enc. .... 20$000
Otto Rothe — **Chimica Organica** — 1º Vol. tomo 1º. Broch. 20$, enc .... 25$000
F. Moura Campos — **Manual Pratico de Physiologia** — Broch. .... 2$000
P. Miranda — **Tratado dos Testamentos**. 1º Vol. Broch. 25$, enc. 30$. 2º Vol. Broch. 25$, enc. 30$000
C. Pinto — **Parasitologia**. 1º Vol. Broch. 30$, enc. 35$. 2º Vol. Broch. 30$, enc........... 35$000

EDIÇÕES A VENDA

Cruzada Sanitaria, Discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) (Broch.) .... 5$000
Annel das Maravilhas, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira) (Broch.) .... 2$000
Cocaina, novella de Alvaro Moreyra (Broch.) .. 4$000
Perfume, versos de Onestaldo de Pennafort. Broch. 5$000
Botões Dourados, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Broch. 5$000
Leviana, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro (Broch.) .... 2$000
Alma Barbara, contos gaúchos de Alcides Maya (Broch.) .... 5$000
Problemas de Geometria, de Ferreira de Abreu. (Broch.) .... 3$000
Caderno de Construcções Geometricas, de Maria Lyra da Silva (Broch.) .... 2$500
Chimica Geral. Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Fonseca, S. J. 3ª edição (Cart.) .... 6$000
Um anno de cirurgia no sertão, de Roberto Freire (Dr.) (Broch.) .... 18$000
Promptuario do Imposto de consumo em 1925, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 6$000
Lições Civicas, de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.) 5$000
Como escolher uma boa esposa, de Renato Kehl (Dr.) (Broch.) .... 4$000
Humorismos innocentes, de Areimor (Broch.)... 5$000
Toda a America, versos de Ronald de Carvalho (Broch.) .... 8$000
Indice dos impostos para 1926, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 10$000
Questões praticas de Arithmetica, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré (Broch.) 10$000
Formulario de Therapeutica Infantil, por A. Santos Moreira (Dr.) 4ª edição augmentada. (Enc.) .... 20$000
Chorographia do Brasil para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) Cart. 10$000
Theatro do Tico-Tico — Cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley .... 6$000
O orçamento — por Agenor de Roure (Broch.) 18$000
Os Feriados Brasileiros, de Reis Carvalho. Broch. 18$000
Desdobramento — Chronicas de Maria Eugenia Celso (Broch.) .... 5$000
Circo, de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 6$000
Canto da Minha Terra, 2ª edição. O. Marianno.. 10$000
Almas que soffrem. E. Bastos (Broch.) .... 6$000
A boneca vestida de Arlequim, de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 5$000
Cartilha. Prof. Clodomiro Vasconcellos .... 1$500
Problemas de Direito Penal. Evaristo de Moraes. (Broch) 16$, enc. .... 20$000
Problemas e Formulario de Geometria. Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza................ 6$000
Grammatica latina, de Padre Augusto Magne, S. J. 2ª edição (Broch.) 16$, enc........... 20$000
Primeiras noções de latim, de Padre Augusto Magne, S. J. (Cart.) no prélo...........
Historia da Philosophia, de Padre Leonel da Franca, S. J., 3ª edição (Enc.) .... 12$000
Curso de lingua grega, Morphologia, de Padre Augusto Magne, S. J. (Cart.) .... 10$000
Grammatica da lingua hespanhola, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição (Broch.) .... 7$000
Candido Borges Castello Branco (Cel.), **Vocabulario Militar** (Cart.) .... 2$000
Chimica elementar, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart.) .... 4$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º (Broch.) .... 2$500
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 3º (Broch.) .... 2$500
Primeiros passos na Algebra, pelo Professor Othelo de Souza Reis (Cart.) .... 3$000
Geometria, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva (Cart.) .... 5$000
Accidentes no trabalho, pelo Dr. Andrade Bezerra (Broch.) .... 1$500
Esperança — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo prof. Lindolpho Xavier (Dr.) (Broch.) .... 8$000
Propedeutica obstetrica, por Arnaldo de Moraes 3ª edição. Broch. 25$, enc............. 30$000
Exercicios de Algebra, pelo Prof. Cecil Thiré (Broch.) .... 6$000
Miranda Valverde — **Evoluções da Escripta Mercantil** .... 15$000
Moraes — **Sã Maternidade**.................... 10$000
Celso Vieira — **Anchieta** .... 16$000
Wanderley — **Album Infantil**.................. 6$000
Anesi — **Physiologia Cellular**................ 8$000
Alvaro Moreyra — **Adão e Eva**.............. 8$000
A. Magne — **Selecta Latina**. Broch. 12$, enc.... 15$000
Renato Kehl — **Livro do chefe de Familia** — enc. 25$000
Heitor Pereira—**Anthologia de Autores Brasileiros** 10$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 1º Broch. 3$000

GRINDELIA
DE OLIVEIRA JUNIOR

O Remedio que não falha nunca nas **TOSSES**, *Bronchites, Asthma e Rouquidão.*